

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E  
ÁRABES

CLÓVIS GOMES DE OLIVEIRA

**Tradução do livro *Bodas* de Mahmud Darwich**

São Paulo  
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS JUDAICOS E  
ÁRABES

## **Tradução do livro *Bodas de Mahmud Darwich***

Clóvis Gomes de Oliveira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, Área de Atuação: Estudos Árabes, do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Michel Sleiman

São Paulo  
2014

*À minha mãe Cida, ao meu pai Antônio, aos meus irmãos  
Cláudio e Carlos, aos meus avós Helena e Agenor.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Mona, por sua dedicação e ajuda demonstrada a mim, desde a graduação, e também agora durante a pesquisa de mestrado: pela amizade e pelas aulas boas e descontraídas da graduação. Agradeço à professora Safa pela excelência inspiradora no ensino de língua árabe e por todo amor e carinho doado a mim tão generosamente: O Oriente Express do Árabe em cuidado, excelência e franqueza. Agradeço ao professor Michel por tornar acessível a mim, com muita simplicidade, seu conhecimento excelente e também por sua humanidade amorosa, paciente e mansa em todos estes anos. Registro aqui a vocês, minha eterna dívida de amor e gratidão!

Agradeço aos amigos, dos quais não convém citar nomes, pois tenho que ser breve, por todo companheirismo: por participarem de minha vida e me permitir participar das deles:

pela presença

no partir do pão

no findar da hora

por comer o pão junto

beber do mesmo cálice

partilhar do pranto e do canto

do fel e do vinho

Agradeço à minha avó Helena pelo amor e o cuidado de vó em tanta ternura alegre e em tanta alegria terna.

Agradeço ao vô Gena, pelo amor e por todas as histórias contadas e a meu pai pelo sacrifício de amor para nos manter e incentivar, com toda sua simplicidade, que tínhamos que estudar. Com os dois tomei gosto por contar e ouvir histórias. Agradeço aos meus dois irmãos Cláudio e Carlos: pela amizade, pelo amor e pelo exemplo. Por me inspirarem à leitura da bíblia e por meio dela à busca de todo o conhecimento: “porque creio busco entender” !

Agradeço à minha mãe por sua maravilhosa alegria mesmo em meio ao temporal, por seu exemplo em Cristo e como ele em compaixão, em respeito e humildade. Por nos ensinar o Amor de Deus e de Cristo, por meio de suas palavras e de seus atos, e todas as sendas da Misericórdia e da Graça! Agradeço à minha mãe por sempre dar a mim e a meus irmãos e a todos que estão à sua volta: Amor tão maravilhoso ( na certeza de que Amor maior que este só o de Deus)! Agradeço à família, pois neles a vida se faz: meu maior amor, encanto e alegria!

Agradeço à toda Comunidade de Heliópolis: eu não seria quem sou, se não tivesse morado onde morei, vivido onde e com quem vivi: se não tivesse sido onde fui e estado onde estou, lugar onde morei: o qual agora mora em mim!

Agradeço a Deus e a Cristo, “pois Nele vivemos, nos movemos e existimos” ! Por Seu Amor Ágape -Amor incondicional, imerecido e de doação- demonstrado a todos os homens e a todo tempo!! Amor este que

se revela a mim, até mesmo por ter me dado tão graciosamente todos estes amigos, mestres e parentes pelos quais agradeço e agradeço. Amor este demonstrado a mim até mesmo por ter me dado o privilégio e a honra de estudar na melhor universidade do país e com os melhores e mais excelentes professores. Agradeço a Deus e a Cristo: nosso Amor e nossa maior Felicidade !

## RESUMO

Este estudo consiste em apresentar aspectos da poesia de Mahmud Darwich e também em propor uma tradução, do árabe ao português brasileiro, de seu livro *A'rās (Bodas)*. Para tal, descrevemos a vida do autor, seu contexto histórico-cultural, sua linguagem e seu fazer poético, coletando as imagens e metáforas mais recorrentes na sua obra.

Palavras-chave: Poesia. Tradução. Mahmud Darwich. Bodas. Exílio.

## **ABSTRACT**

This study aims at presenting aspects of the poetry of Mahmoud Darwish. It also proposes a translation, from Arabic to Brazilian Portuguese, of his book *A'ras (Weddings)*. We describe the author's life, his historical and cultural context, his language and his poetry making, collecting images and recurring metaphors in his work.

Keywords: Poetry. Translation. Mahmoud Darwish. Weddings.



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
Darwich, um poeta do exílio e da resistência.....	11
<b>CAPÍTULO II</b>	
Darwich e a poesia de seu tempo.....	24
<b>CAPÍTULO III</b>	
Bodas, um livro de muitos ritmos.....	35
<b>CAPÍTULO IV</b>	
Tradução de Bodas.....	50
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO</b>	
Texto árabe de Bodas .....	114

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma tradução do livro *Bodas (A'rās)* do palestino Mahmud Darwich, acompanhada de uma introdução aos aspectos poéticos da obra desse autor.

Escolhemos traduzir esse livro por dois motivos: em primeiro lugar, para fazer uma apresentação desse grande poeta aos leitores brasileiros; e em segundo lugar, pela importância desse livro na trajetória poética de Darwich e no contexto geral da poesia árabe contemporânea.

Darwich é o poeta árabe mais lido em língua árabe e os outros idiomas para os quais ele foi traduzido. Porém, mesmo sendo poeta de extrema importância, ainda tem poucas traduções para o português e, por isto mesmo, ainda é pouco conhecido pelos leitores brasileiros.

*Bodas* foi publicado em 1977, momento de fundamental importância para a poesia árabe, durante o qual ganhavam relevância os temas políticos e sociais, em sequência às transformações literárias iniciadas no mundo árabe nas anteriores décadas de 50 e 60, quando a poesia abandona por fim as formas e conceitos da poesia árabe clássica, resgatados em meados do século XIX e ainda vigentes nas primeiras décadas do século XX, e entra nas correntes literárias compartilhadas em várias partes do mundo contemporâneo.

Influenciado pelo clima de efervescência cultural de seu tempo, Darwich busca em *Bodas* afirmar-se como um poeta de maior envergadura, pois muitos o tinham ainda como um poeta estritamente da resistência palestina. Entretanto o talento do poeta se firma numa poesia que conhece múltiplas formas, ritmos

e temas. *Bodas* é uma obra de profunda elaboração estética, com um projeto definido de criação que marca uma mutação no estilo do autor. Nele, o poeta busca uma constante inovação, que toca especialmente a formação de imagens. Podemos dizer que esse é um livro que faz parte da modernidade da poesia mundial, que, como outros de sua época, testemunha uma poesia árabe plenamente modernizada e integrada no seu tempo.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos:

O Capítulo I apresenta fatos marcantes sobre a vida do autor. Falamos sobre a sua vida a partir do fato de ter sido exilado e, por este motivo, ter feito uma poesia de resistência à dominação da Palestina pelo Estado Judaico.

O Capítulo II consiste no apontamento das grandes transformações por que passou a poesia mundial e, em particular, a poesia árabe no tempo de Mahmud Darwich. Avaliamos essa poesia a fim de compreender o quanto ela influenciou, definiu e até mesmo engendrou as bases da poesia do poeta palestino.

No Capítulo III, tratamos de aspectos da linguagem da poesia de Darwich, retratando os principais temas – o exílio e a resistência – conforme se apresentam em *Bodas*. Com esse fim, descrevemos as metáforas e imagens poéticas recorrentes.

Por fim, no Capítulo IV, damos a tradução completa do livro, seguida, em anexo, do texto árabe original.

Da nossa tradução podemos dizer que é um exercício de tradução que buscou manter a linguagem simples e a imagem extraída do cotidiano. É uma tradução que passará por outras reelaborações. Aqui apresentamos em tradução portuguesa um dos poetas mais queridos da Palestina e, certamente,

um dos preferidos dentre os leitores de língua árabe. Esperamos despertar nos leitores desta nova língua de chegada dessa poesia um amor e um interesse próximos do amor e do interesse que Darwich teve em vida e ainda tem, hoje morto, onde quer que seus poemas tenham soprado os versos. E que mais leitores se interessem por ler Mahmud Darwich no árabe de sua língua pátria.

# CAPÍTULO I

## Darwich, um poeta do exílio e da resistência

Morreu em 09 de agosto de 2008 Mahmud Darwich: grande homem e grande poeta. Dizemos grande homem e poeta, pois a poesia para si foi vida e a vida foi poesia, sim um homem que viveu e vive por meio da poesia e a poesia ainda hoje vive por meio dele. Mas, Darwich não foi qualquer tipo de homem e nem fez qualquer tipo de poesia, foi um exilado e fez poesia do exílio, poesia da resistência, da ausência da pátria e de um lar, da ausência de si mesmo por lhe faltar a infância. Poeta que transformava constantemente o caos em poesia e sua dor e a dor de seu povo em cânticos, fazendo da sua voz a voz de um povo, tornando-se a consciência de um povo; é por isso considerado o grande poeta da causa palestina. Ele cantou o amor à terra: terra como pátria, a terra natal mas também a terra como chão, o chão que se pisa, a terra que produz o trigo. E começamos dizendo a data de sua morte, apenas para afirmar que, acima de tudo, foi poeta e poeta de nosso tempo. Mas comentemos então os caminhos que o fizeram ser quem foi, ou melhor dizendo, ser quem é.

O poeta nasceu no vilarejo de Birwah, na Galileia, em 1942. Em 1948, quando tinha seis anos de idade, seu vilarejo foi destruído por um ataque israelense, no qual seu pai foi morto e sua família foi forçada a se exilar no Líbano. A Palestina transformou-se em Estado de Israel: e assim como seu país, a vida do poeta e dos palestinos transformou-se com essa *Nakba* (Catástrofe), que resultou na expulsão de milhares de palestinos de sua terra pelo governo sionista. Mahmud Darwich havia sido “mutilado”, amputado de

sua terra, de sua infância, do pai, de sua identidade. Conforme o próprio poeta relata:

Eu me recordo muito bem. Enquanto nós dormíamos, conforme a tradição nos vilarejos, no telhado da casa.... Os tiros que atingiam uma aldeia pacífica, Birwa, naquela noite de verão de 1948, não poupavam ninguém. Eu me vi (no dia em que completava seis anos) caçado até o olival, escalando aquela montanha íngreme, por vezes rastejando. Depois de uma longa noite de sangue, terror e sede, cheguei a uma aldeia estrangeira com crianças desconhecidas. Inocentemente, eu perguntei: “Onde estou?”. E pela primeira vez ouvi a palavra “Líbano”. Hoje sei que aquela noite pôs fim à minha infância. Os anos de inocência haviam terminado e, de repente, eu fazia parte do mundo dos “adultos”. Desde esses dias no Líbano, não esqueci e nunca esquecerei as circunstâncias em que conheci a palavra “pátria”. Pela primeira vez, e sem ter sido preparado de forma alguma, eu me vi em uma longa fila à espera da distribuição das refeições por uma organização de assistência a refugiados. Lembro-me de que o prato principal era uma porção de queijo. Foi ali que escutei pela primeira vez as palavras que abririam à minha frente a janela para um universo novo: “pátria, guerra, notícias, refugiados, exércitos, fronteiras...” Com essas palavras, descobri uma realidade nova, que me privou para sempre de minha infância. (apud FARAH, 2011: 2)

É interessante notar que Mahmud Darwich, poeta que era, compreende e narra toda sua desgraça por meio das palavras: “escutei pela primeira vez as palavras que abririam à minha frente a janela para um universo novo”. A linguagem cria e descortina universos novos; o poeta despatriado conhece a palavra “pátria”, estrangeiro, conhece o nome de um país estrangeiro, e após ter sido bombardeado conhece as palavras “guerra, exército”.

E no ano em que completava apenas seis anos de idade, conhece e entende o significado da palavra “fronteiras”; porém, neste momento, já estava para além das fronteiras de seu país ao qual, mesmo tentando retornar ou recriá-lo por meio de sua poesia, nunca mais retornaria: infância. “Hoje sei que aquela noite pôs fim à minha infância. Os anos de inocência haviam terminado e, de repente, eu fazia parte do mundo dos ‘adultos’ ”.

Naquela noite, conhece o termo “refugiados” e participa da assistência prestada a eles; entretanto, nesta mesma noite o poeta fez a pergunta que o acompanharia para sempre, seria agora sua existência e refletiria em sua obra: “onde estou?”. A partir desse acontecimento o poeta estará para sempre em um contínuo deslocamento, o seu lugar será um não-lugar, e a sua existência passa a ser a de um desterrado, um homem exilado. A pergunta “onde estou?” o levará a questionar e definir profundamente o “quem sou”. Daí em diante, o exílio faria parte de seu ser.

Esses termos acima citados, e alguns outros, “habitarão” o poeta e sua poesia. Como por exemplo, a palavra “pátria” em “O poema da terra”:

Ó pátria dos profetas... completa-te!  
Ó pátria dos semeadores... completa-te!  
Ó pátria dos mártires... completa-te!  
Ó pátria dos peregrinos... completa-te!  
Todas as sendas dos montes são a extensão deste canto.  
Todos os cantos a ti são a extensão da oliveira que me  
encobriu.<sup>1</sup>

Sobre esse acontecimento na vida do poeta, Farah (2011: 2) comenta:

---

<sup>1</sup> Tradução nossa de “Qasidat Al-‘Ard”. As demais traduções ao português dos poemas de Darwich são nossas; quando não forem, acusa-se a autoria.

É a partir deste momento que Darwich data sua reflexão sobre a identidade como exilado. O que foi, num primeiro momento, uma denominação de exilado no campo de refugiados no Líbano logo se tornou uma autodefinição.

Como se pode observar, o poeta passa a se identificar com o exílio e este passa a ser parte dele, passa a habitá-lo e a possuí-lo. Darwich entende que se constitui e se constroi a partir do fato de ter sido expulso da Palestina: conseqüentemente todo o povo palestino identifica-se com ele e toma para si sua poesia.

Entretanto, o poeta enxergava o exílio, sob certos aspectos, como algo positivo e uma experiência humanamente enriquecedora:

No que diz respeito, eu não posso reclamar do exílio. Ele tem sido muito generoso comigo. Ensinou-me, ampliou os horizontes de minha humanidade e da minha língua, permitiu-me promover o diálogo entre os povos e as culturas. Eu não posso dispensá-lo, já que ele se tornou parte de mim mesmo. (apud FARAH, 2011: 2)

Aqui refere-se ao exílio como uma experiência física, material e concreta. E este exílio teria aprofundado sua humanidade, tê-lo-ia feito crescer em tolerância, tê-lo-ia aberto ao diálogo entre povos e culturas; o exílio teria “aberto” o poeta para além do pensamento e da experiência. Conforme Said (2003: 58) afirma sobre o exilado: “O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência”.

Sendo que ao delimitar-lhe fronteiras, o Estado de Israel estava, na verdade, banindo Darwich do mundo com fronteiras e exilando-o do mundo “administrado”, do qual, segundo Said, Adorno faz referência:



O exemplo mais rigoroso de tal subjetividade talvez se encontre nos escritos de Theodor Adorno, o filósofo e crítico judeu alemão. Sua obra prima, *Minima Moralia*, é uma autobiografia escrita no exílio; seu subtítulo é *Reflexionem aus dem beschadigten Leben* (Reflexões de uma vida mutilada). Adorno era um opositor implacável do que chamou mundo “administrado”; para ele, a vida era comprimida em formas prontas, “lares” pré-fabricados. Sustentava que tudo o que dizemos ou pensamos, assim como todos os objetos que possuímos, são, em última análise, uma mera mercadoria. A linguagem é jargão, os objetos são para venda. Recusar esse estado de coisas é a missão intelectual do exilado. (SAID, 2003: 58)

Parece-nos que Darwich recusou esse estado de coisas e o exílio o exilou deste mundo administrado, e o desterrou das formas prontas, banindo suas palavras de serem apenas mercadorias ou jargões pré-formados e pré-acabados.

Todavia, o poeta também considerava o exílio numa perspectiva mais ampla, no sentido espiritual e existencial, como ele mesmo o afirma em uma entrevista:

É possível descrever tudo o que eu escrevo como poesia do exílio. Eu nasci um exilado. O exílio é um conceito muito amplo e relativo. Há exílio na amizade, exílio na família, exílio no amor, exílio dentro de você. Todo poema é uma expressão de exílio e de estranhamento.... (Apud Farah, 2011:8)

Em outra ocasião afirma:

Eu deveria retornar para viver em Haifa ou em Akka, e o exílio me acompanharia. É um exílio humano no sentido mais amplo, e ele é a base da minha humanidade. O exílio é algo relativo.

Ele poderia ter mais influência na pátria do que ele tem fora dela. (*apud* Farah, 2011:8)

Nessas citações, Darwich trata o exílio como algo existencial, portanto faria parte da condição humana. O exílio permearia todas as relações do indivíduo e estaria até mesmo dentro dele. Ele diz que em qualquer lugar que fosse, o exílio o acompanharia; pois esta é a condição humana, o ser humano estaria sempre num contínuo e perpétuo desterro, andaria sempre errante em busca de sua pátria, ainda mesmo quando se encontrasse nela: seria estrangeiro mesmo em seu próprio país e até mesmo entre seus amigos.

Esse “exílio existencial” pode ser encontrado de forma similar no texto bíblico, como se observa neste versículo: “Sou estrangeiro na terra/ Não escondas de mim os teus mandamentos”<sup>2</sup>. Em sua oração o salmista se autodefine como um estrangeiro na terra. Ele se define como alguém que está apenas numa peregrinação na terra e, reconhecendo a brevidade de sua vida, logo clama a Deus para que lhe conceda o que é eterno: busca ao Eterno e pede que lhe mostre e o conduza pelos seus caminhos eternos. O autor da neotestamentária Carta aos Hebreus também denomina os cristãos da mesma forma e com os mesmos termos:

Na fé, todos estes morreram, sem ter obtido a realização da promessa, depois de tê-la visto e saudado de longe, e depois de se reconhecerem estrangeiros e peregrinos nesta terra. Pois aqueles que assim falam demonstram claramente que estão à procura de uma pátria. E se lembrassem a que deixaram, teriam tempo de voltar para lá. Eles aspiram, com efeito, a uma pátria melhor isto é, a uma pátria celeste. É por isso que Deus

---

<sup>2</sup> Salmo 119:19.

não se envergonha de ser chamado o seu Deus. Pois, de fato, preparou-lhes uma cidade....<sup>3</sup>

Esses autores bíblicos descrevem a vida humana como um exílio, pois para eles o homem estaria exilado da Eternidade, enquanto peregrina errante pelo mundo em sua breve e efêmera peregrinação. No relato bíblico, os homens estariam exilados da pátria que escolhessem aqui, uns exilados da perdição e outros estariam exilados da pátria celeste. Todavia, nesses textos também se trata de um exílio existencial. Assim como nas afirmações de Darwich acima citadas, o homem seria um estrangeiro e forasteiro no mundo e sempre se sentiria deslocado do mundo, em qualquer lugar em que estivesse.

Sobre a condição humana de exilado no mundo, Ovídio também concordou com tal pensamento em suas Cartas Pônticas: “A morte, sem dúvida, quando chegar, fará que eu deixe de ser um exilado” (Ovídio, 2009: 6)

Edward Said (2003: 58-59) afirma o mesmo ao citar as palavras de Hugo de Saint Vitor, monge da Saxônia, o qual viveu no século 12:

Portanto, é fonte de grande virtude para a mente exercitada aprender, pouco a pouco, primeiro a mudar em relação às coisas invisíveis e transitórias, de tal modo que depois ela possa deixá-las para trás completamente. O homem que acha doce seu torrão natal ainda é um iniciante fraco; aquele para quem todo solo é sua terra natal já é forte; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é uma terra estrangeira. A alma frágil fixou seu amor em um ponto do mundo; o homem forte estendeu seu amor para todos os lugares; o homem perfeito extinguiu isso. Ver “o mundo inteiro como uma terra estrangeira” possibilita a originalidade da visão.

---

<sup>3</sup>Hb 11. 13-16.

Darwich, depois do seu exílio material e físico, conseguiu entender esta dimensão espiritual do exilado e se compreender como um exilado em qualquer lugar do mundo: e disto surge a originalidade e a força de sua visão poética e talvez por este motivo seja considerado o poeta mais inovador dentre todos os poetas palestinos.

A tragédia do desterro definiu a vida de Darwich e também a sua futura obra poética. Ele fora educado por seu avô que lhe infundira o gosto pela leitura, e já na infância o irmão mais velho lhe encorajara a escrever poesia. Darwich voltou junto com a família para a Palestina em 1950 e lá viveu até 1970. Mas já na infância conheceu o poder das palavras, conheceu o sabor e os dissabores das palavras, como o afirma Dhilon em seu artigo:

*Darwish once recalled how he was asked by his headmaster to partake in Deir Al-Asad, the anniversary of the founding of Israel, and responded with a poem about an Arab boy questioning a Jewish boy: "I don't remember the poem, but I remember the idea of it: you can play in the sun as you please, and have your toys, but I can't... You have a house, and I have none... Why can't we play together?". This poem resulted in Darwish being summoned and threatened by the local military governor. This early lesson about the political power of poetry energized Darwish's writing career. (DHILON, 2010: 46)*

Desde sua infância Mahmud Darwich passa a ser conhecido pelas autoridades e pelo governo militar israelense. Contudo, nessa época o poeta descobre o poder político que suas palavras poderiam ter, descobre que poderia combater e lutar pela causa de seu povo, tendo como única e "frágil-poderosa" arma a poesia. Esta na aparência é frágil, no entanto, em essência, tem um poder inestimável e indestrutível. O poeta percebe que "desde sempre" a palavra cria mundos, como quando em Gênesis "No princípio, Deus criou o

céu e a terra.” (Gn 1.1) e “Deus disse : “Haja luz”, e houve luz.” (Gn 1.3). Como nesse relato bíblico, Darwich nota que a palavra tem este poder criador e percebe que ao criar um mundo pode-se também destruir outros que se está tentando criar. A partir de então tenta dar uma versão diferente da versão contada pelo Estado de Israel acerca dos fatos ocorridos na Palestina.

Nas décadas de 1950 e 1960, trabalhou na filial árabe do jornal do Partido Comunista Israelense, *Alittihad* (A União), e no *Aljadid* (O Novo), escrevendo poemas e artigos. Todavia, este seu engajamento político lhe rendeu diversas prisões na década de 1960. Em 1964, tornou-se conhecido mundialmente com o seu livro *'Awraq al-zaytun* (Folhas de oliveira), no qual se encontra um de seus poemas mais célebres, *Bitaqat huwiyya* “Carteira de identidade”, no qual o poeta canta sua identidade árabe:

Escreve!  
Sou árabe  
Identidade de número 50 mil  
Filhos: oito  
O nono vem depois do verão  
Isto te irrita?

Escreve!  
Sou árabe  
com companheiros de dor  
e de labuta na pedreira  
Tenho oito filhos  
arranco  
o pedaço de pão  
as roupas e os livros  
da rocha...  
Não peço esmolas à tua porta,  
nem me rebaixo  
ao teu batente

Isto te irrita?

Escreve!

Sou árabe

nome sem sobrenome

Paciência

Num país onde tudo

ferve na urgência da ira

Minhas raízes....

antes do nascimento do tempo

do começo das eras

do cipreste e da oliveira

do germinar das ervas

Meu pai...

filho do arado

sem renome

Meu avô camponês

Nem bem nutrido, nem bem nascido

me ensinava o orgulho do sol

antes de me ensinar a ler

e minha casa é a guarita do vigilante

feito de galhos e cana

E ela te agrada?

Sou nome sem sobrenome!

Escreve!

Sou árabe

Cabelo cor de carvão

Olho castanho

Me reconhecem por

na cabeça cordão e kufiyye

palma da mão dura como pedra

áspera no toque

meu endereço:

um vilarejo abandonado... esquecido

de ruas sem nome  
todos seus homens  
estão no campo e nas pedras  
amam o comunismo  
Isto te irrita?

Escreve!  
Sou árabe  
Arrancaste as vinhas de meus antepassados  
a terra que eu arava  
junto com todos meus filhos  
não deixaste nada  
para nós, para meus netos  
apenas estas pedras,  
E teu governo vai tomá-las  
Como dizem?  
E então!

Escreve!  
No alto da primeira página  
Não odeio as pessoas  
Não agrido ninguém  
Mas se sinto fome  
como a carne dos que me violentam  
Cuidado!  
Com a minha fome...  
Com minha ira!!

Com escritos deste gênero, Darwich passou a ser chamado de o “Poeta da Resistência”. Isto se torna plenamente evidente em “O poema da terra”, onde ele incita à resistência:

Eu sou a terra...  
Ó vós que partis para o grão de trigo em seu berço,  
lavrai meu corpo!  
Ó vós que partis para a montanha de fogo,

passai sobre o meu corpo  
Ó vós que partis para o domo da rocha,  
passai sobre meu corpo  
Ó vós que passais sobre meu corpo,  
vós não passareis  
Eu sou a terra dentro de um corpo,  
vós não passareis  
Eu sou a terra em seu despertar,  
vós não passareis  
Eu sou a terra. Ó vós que passais sobre a terra em seu  
despertar,  
Vós não passareis (...)

No entanto, esta resistência não se manifesta na forma de insultos e ofensas contra os sionistas, como apresenta Dhillon (2010: 46):

*Darwish came to be known as the Palestinian “Poet of Resistance”. Yet this label, however honorable, can overdetermine reading so his poetry since the title implies an angry militancy that resists any hint of Zionist oppression.*

A sua resistência não se faz pela demonização do Outro, mas é construída a partir da humanização de ambos os lados: humaniza o palestino e também busca humanizar os israelenses. Dhillon (2010: 48) ainda afirma que a sua resistência não apela para a violência, mas apela para a humanidade que ambos compartilham: ou ao menos deveriam compartilhar. Darwish apela para a empatia dos que oprimem, tentando aflorar o que existe de humano nos dois lados do conflito. O poeta até mesmo invoca o holocausto a fim de sensibilizar os israelenses e convencê-los de que o que agora fazem é o mesmo que já sofreram e portanto não deveriam fazê-lo: hoje eles possuiriam a oportunidade de ser melhores do que aqueles que os oprimiram em seu passado trágico.



É importante ressaltar que Darwich não se enquadra nos discursos oficiais e nacionalistas de nenhum dos dois lados, nem o palestino e nem o israelense, posto que cria um outro discurso que vai apelar à humanidade e transcende ao discurso político. Portanto, afirmamos que sua poesia, embora aborde eventos políticos e históricos, não se limita apenas a isto; sua obra trata do sofrimento humano, do amor e até mesmo de espiritualidade.

Então ao invés de dizer que Darwich era um político que tinha como arma a poesia, devemos ao contrário dizer que ele foi sobretudo poeta e fez poesia com a matéria-prima que tinha em mãos: a sua história e a história de seu povo. Soube como ninguém transformar sua angústia e sua dor em poesia num processo artístico contínuo: a sua resistência não se sobrepõe à sua poesia, mas o contrário, sua poesia se sobrepõe à sua resistência.

## CAPÍTULO II

### Darwich e a poesia de seu tempo

Em seu comentário sobre um dos mais importantes artífices da poesia árabe contemporânea, o sírio-libanês Adonis, Arbós Ayuso narra as mudanças histórico-literárias que ocorreram no mundo e na Palestina e geraram profundas transformações na sociedade e na cultura árabes, dentre elas, a transformação estética que tocou sobremaneira a milenar poesia árabe:

Una buena parte de los historiadores y críticos de la literatura árabe moderna- árabes o europeos, orientales u occidentales- coincide en afirmar que el verdadero arranque de la poesía árabe contemporánea, en el sentido histórico-literario del término, se produce en los años inmediatamente posteriores a la Segunda Guerra Mundial, ya se sugiera la fecha de 1947, año en que se publican los poemarios ‘Asiqat al-layl (“Enamorada de La noche”) de Nazik al Malaika y Azhardabila (“Flores marchitas”) de Badr Sakir al Sayyab, como hace Pedro M. Montávez, ya se elija convencionalmente el 1948, fecha del despojo de Palestina con la violenta creación del Estado de Israel, como prefiere Salma J. al Yayyussi. En cualquier caso, con la perspectiva actual parece ya fuera de toda duda que el hecho literario que marca el momento inaugural de esa nueva poesía es la aparición en Bagdad del llamado “movimiento del verso libre” (hakat al si’r al-hurr), que se consolida mediante las obras publicadas entre 1947-1954 y adquiere repercusiones inmediatas, prácticamente simultáneas, en Siria, Palestina y Egipto (Nizar Qabbani, Fadwa Tuqan, Salah Abd al Sabur, etc.). (ARBÓS AYUSO, 2006: 32)

A criação do Estado de Israel após a tomada da Palestina foi o grande acontecimento social e político que produziu uma transformação radical em todo o mundo árabe. Todavia, as transformações estéticas na literatura mundial também repercutiram na literatura árabe levando a uma renovação especialmente do gênero poético.

Com os citados fim da Segunda Guerra Mundial e criação do Estado de Israel, surge “o movimento do verso livre” inicialmente em Bagdá, que depois se expande a todo o mundo árabe. Tal movimento promoveu uma profunda reforma, senão uma ruptura, das estruturas métricas e rítmicas do poema árabe clássico, de cultivo ainda sentido então nos albores do século XX, como o afirma o mesmo Arbós Ayuso. Com esse movimento, os poetas buscavam uma maior liberdade de expressão, uma musicalidade diferente, uma outra emoção rítmica que se separasse do poema tradicional árabe; uma nova forma de poesia que tivesse em si condições de expressar um novo tempo e uma nova realidade que surgiam na cultura local e mundial.

O objeto do movimento do verso livre, ou “la poésie libre”, como foi chamada pelos franceses, seria uma nova musicalidade que harmonizaria forma e conteúdo unidos a uma constante renovação da metáfora, seja buscando novas metáforas, seja resignificando as já existentes, como o afirma Abdul Kader el-Janabi (1999: 15):

La poésie libre résonne d'une nouvelle musicalité qui lie étroitement forme et contenu dans une recherche élaborée de métaphore. Pour consommer la rupture avec l'arsenal rhétorique des précédents novateurs, le mouvement puisa dans l'ancienne mythologie régionale et ressuscita le dieu de la fertilité, Tammouz, symbole de la vie et de la végétation. La tendance tammouzienne de la poésie libre sut diversifier ses

références symboliques et renouveler ses métaphores: le salut christique, les récits bibliques repris dans le Coran, les légendes populaires, tout comme la poésie anglaise, en particulier celle de T. S. Eliot.

Essa procura por novas referências simbólicas e por renovação das antigas influenciará toda a poesia árabe moderna. Nas palavras de Adonis, (ARBÓS AYUSO, 2006: 44):

El patrimonio humano es un todo. Es el mismo patrimonio que desde la Antigüedad se fue constituyendo en interacción continua en el espacio de las tierras árabes, a través del Mediterráneo, con los legados culturales que configuraron en su conjunto la civilización moderna. Nuestro patrimonio es ese todo.

O poeta deverá usufruir de todo o patrimônio humano em sua obra: utilizará os mitos de Grécia e Roma, os mitos orientais, as passagens da bíblia e do Corão, os escritores europeus modernos ou antigos; e até mesmo os fatos históricos serão ressignificados poeticamente. A poesia árabe moderna seguirá esta espécie de “antropofagia”, que parece também tocar já os poetas do verso livre, mas que será mais tarde intensa e claramente defendida por Adonis e outros poetas de sua geração.

Influenciado por eles, Darwich teve tal paradigma da renovação como um dos traços fundamentais de sua obra. Ele ressignificará os mitos clássicos, os mitos do Oriente e da cultura ocidental moderna, bem como os corânicos e bíblicos. À luz da poesia de Darwich, terão outro sentido a história e os acontecimentos trágicos de seu povo e de sua “enamorada Palestina”, terra e pátria.

Em sua obra poderíamos citar várias passagens deste ressignificar criativo, por exemplo no livro “Onze Astros”. O próprio título dessa obra é já uma retomada da história de José que aparece no Corão em releitura do seguinte trecho bíblico:

“5 Ora, José teve um sonho e o contou a seus irmãos, que o odiaram mais ainda. 6 Ele lhes disse: “Ouvi o sonho que tive: 7 pareceu-me que estávamos atando feixes nos campos, e eis que o meu feixe se levantou e ficou de pé, e vossos feixes o rodearam e se prostraram diante do meu feixe.” 8 Seus irmãos lhe responderam: “Queres acaso governar-nos como rei ou dominar-nos como senhor?” E eles o odiaram ainda mais, por causa de seus sonhos e de suas intenções. 9 Ele teve ainda outro sonho, que contou aos seus irmãos. Ele disse: “Tive ainda outro sonho: pareceu-me que o sol, a lua e onze estrelas se prostravam diante de mim.” 10 Ele narrou isso a seu pai e seus irmãos, mas seu pai o repreendeu dizendo: “Que sonho é esse que tiveste? Iríamos nós então, eu, tua mãe e teus irmãos, prostrar-nos por terra diante de ti?” 11 Seus irmãos ficaram com ciúmes dele, mas seu pai conservou o fato na memória.”<sup>4</sup>

Na fabulação de Darwich, o poeta seria o próprio José e os onze astros, seus onze irmãos. O poeta se identifica e toma para si a história do patriarca hebreu, pois também foi vendido por seus próprios irmãos, os quais o desterraram, como o afirma Vannus, referindo à tradução de Prieto González de “Onze astros”:

El poeta, expulsado de su tierra como José, vendido por sus hermanos a unos mercaderes, trata en ellos el tema de la pérdida de su mundo “un mundo que ya no es mio”, la patria, el paraíso perdido, centrado en este caso en al-Andalus.

---

<sup>4</sup> Genesis cap. 37 vers. do 5-11, Bíblia de Jerusalém, 3 impressão, 2004.

Tampoco hay que olvidar que José es para los musulmanes un profeta y Darwish se siente como la voz de su pueblo “el día..en que la voz del individuo y la voz del pueblo se fundan en una sola” o como dice “Todos los profetas son mi gente”.<sup>5</sup>

O poeta passa a ser o profeta de seu povo e a pátria, o paraíso perdido, da mesma forma al-Andalus é ressignificada, sobre a qual o poeta indaga: “... onde era o Alandalus, aqui ou lá? Nesta terra ou no poema?” (JUBRAN; SLEIMAN, 2013, Canto 1)

Podemos, no mesmo poema, ainda notar o poeta fazer outras ressignificações como quando toma o mito grego de Narciso: “Não fui um apaixonado para acreditar que as águas fossem espelhos” (Canto 4), “Não terei sido um narciso, embora eu defenda a minha imagem nos espelhos.” (Canto 5).

Além deste ressignificar, podemos por fim citar mais um aspecto do legado deixado pelo “movimento do verso livre”: a poesia ser engajamento e combate pela causa do povo:

“Néanmoins, la poésie libre étendait son influence. La situation politique, la perte de la Palestine, l'indépendance nationale, les necessites culturelles du moment, l'attrait du monde moderne, appelaient une telle innovation. Les poètes de la poésie libre engagèrent résolument le mouvement recourant à des sujets proches de la réalité et aux émotions des simples mortels. À partir des années cinquante déferla la littérature realiste. Presque tous les critiques qui défendirent la poésie libre étaient marxistes, luttèrent contre les tendances défaitistes et favorisaient une littérature engagée pour la cause du peuple. Réaliste ou non, la poésie, à l'époque de la guerre froide, était engagée dans la mêlée.” (EL JANABI, 1999: 15)

---

<sup>5</sup> VANNUS, I. H. Resenha da tradução espanhola de “Once Astros”, de Mahmud Darwich. Em [http://www.poesiaarabe.com/libro\\_11\\_astros.htm](http://www.poesiaarabe.com/libro_11_astros.htm), acessado em 4/07/2014.

Então, podemos afirmar que o “movimento do verso livre” legou à poesia árabe moderna, como que criando-a, a busca por uma nova métrica e ritmo, a renovação e ressignificação de toda e qualquer metáfora, e um “ressignificar” criativo até mesmo da história, e além de tudo um “fazer poético engajado”. A poesia deveria ser poesia de combate buscando lutar pela causa do povo. Todo este legado poético estará presente na obra de Mahmud Darwich.

A poesia também havia sofrido grandes transformações no mundo, já antes da Segunda Guerra Mundial, e depois dela ainda se faz mais necessária uma nova poética, posto que a realidade do horror e do absurdo da guerra cria um novo mundo, o qual necessariamente clama por uma nova arte, assim como aconteceu também na Palestina. Essa nova poética do mundo ocidental começa a entrar no mundo árabe por meio de algumas revistas literárias, as quais surgem em diferentes países árabes e começam a revolucionar a literatura árabe por meio dos escritos literários e de crítica literária que passam a ser traduzidos; como exemplo, podemos citar a primeira revista al-Katib al-Misri:

El primero de ellos, desde 1945 y en El Cairo, la actividad publicista de Luwis Awad y Muhammad Mandur. Los artículos de Awad sobre los escritores vanguardistas ingleses, especialmente su breve ensayo sobre T. S. Elliot, aparecidos regularmente entre 1945 y 1948 en al-Katib al-Misri, la prestigiosa y un tanto efímera revista fundada por Taha Husayn, esos artículos – digo – no solo constituyen uno de los primeros modelos de crítica literaria marxista en la cultura árabe, sino que influyeron también de manera considerable en la producción poética coetánea, en los autores de la “generación de los 50” (yil al-jamsinat), outro de los calificativos que se aplica a los poetas de harakat al si’r al hurr. (ARBÓS AYUSO, 2006: 33)

Os vanguardistas ingleses e T. S. Elliot, com sua poesia moderna, passam a ser traduzidos e a influenciar de tal maneira os poetas árabes que, como afirma Arbós Ayuso, Awad publica em 1947 um livro provocador e por este foi acusado por faltar ao respeito e desistir de normas métricas e defender a utilização da língua coloquial junto com a língua árabe culta nos poemas.

Surge em janeiro de 1953, em Beirute, fundada por Suhayl Idris, a revista al-Adab, a qual vem marcar profundamente a literatura árabe e também promover-lhe grandes transformações. Os editores dessa revista buscam defender a criação de uma literatura árabe engajada que assuma uma postura crítica diante dos acontecimentos sociais e políticos, os quais a envolvem; buscam abrir a reflexão sobre o papel do escritor árabe e gerar nele um comprometimento com o seu tempo e com todos os problemas e conflitos que se apresentam:

No se trata en modo alguno de un llamamiento genérico o abstracto – a favor de la “humanidad” o “liberidad”, por ejemplo –sino que se solicita la apertura de um debate urgente sobre el compromiso activo del escritor árabe, una toma de postura ante la sucesión de graves acontecimientos – desastrosos unos, esperanzadores otros – que se precipitan en la década escasa que estamos considerando: el desmembramiento de Palestina en 1948; la revolución naserista de 1952 em Egipto; el inicio de la durísima lucha de liberación argelina en 1954. (ARBÓS AYUSO, 2006: 34)

Abd al-Wahhab al-Bayati foi o maior poeta do movimento do verso livre e em 1968 em uma entrevista, a revista Chi'r, sobre a qual falaremos adiante, falou sobre a incapacidade de as formas antigas expressarem os novos tempos, pois as formas poéticas clássicas já não eram capazes de expressar e nem satisfaziam mais as necessidades dos tempos presentes. Para um novo



tempo, exigiam-se não apenas novos temas, mas também novas formas: as formas antigas não podiam suportar o novo tempo, já não cabiam nelas nem suas alegrias nem seus dramas:

Sentíamos que los moldes tradicionales (al-qawalib al taqlidiyya) de la poesía, que se alimentaban en su mayoría de temas romántico realistas deformados, ya no eran válidos. Casi toda esa poesía retórica y “heroica” (al jitabi wa-l- hamasi) se expresaba mediante lemas acuñados y frases hechas. Al principio, intentamos escribir en formas clásicas una poesía comprometida (si’ran multaziman) en la que tratábamos cuestiones vitales por una vía diferente a la lírica romántica. Pero nos dimos cuenta de que caíamos en algunos de los errores que había cometido una buena parte de nuestros inmediatos predecesores. Pensamos entonces que la fórmula tradicional de la casida (saki al-qasidat al-taqlidi) ya no podía satisfacer las necesidades del presente, que la renovación no consistía tan solo en incluir temas o motivos modernos, de actualidad (...), sino en expresar las simientes de la vida nueva, los cambios que se producían en la sociedad (al-tagyirat allati tayri fil-muytama), las diversas influencias literarias y de mentalidad que se propagaban por la vida árabe en ese tiempo concreto. (ARBÓS AYUSO, 2006: 37)

No começo do ano de 1957, em Beirute, influenciados pelos poetas do verso livre, outros poetas libaneses, palestinos e sírios, buscando criar um movimento literário e um grupo poético coeso e teorizar sobre a experiência poética, fundaram a revista Chi’r. Os fundadores são: os libaneses Yusuf al-Khal e Khalil Hawi e também o sírio Ali Ahmad Sa’id Isbir, que tendo ido morar no ano anterior em Beirute assumira definitivamente o pseudônimo de Adonis pelo qual se conhece o célebre poeta. Os colaboradores da revista são: o crítico libanês Unsi al-Hajj, o sírio Muhammad al-Magut e os palestinos Tawfiq

Sayig e Jabra Ibrahim Jabra e também o grande poeta Badr al-Sayyab. Esse é o último grande feito literário que marca esteticamente e consolida a criação da poesia árabe moderna. Fora este marco estético somente os acontecimentos históricos é que ainda vão lhe agregar valor quanto aos temas e tons de conteúdo, mas praticamente todas as bases teóricas que faltavam ao poema moderno árabe foram ali lançadas.

Conforme afirma Arbós Ayuso (2006: 41), o movimento funda suas bases nos princípios da poesia moderna europeia desde Baudelaire. Os princípios que o poeta árabe moderno deveria adotar são: expressar a experiência vital com todo o seu ser; utilizar as imagens que surgem da própria vida; inovar experiência e vocábulos; desenvolver o ritmo musical e o brilho da poesia árabe a partir dos novos temas; basear a estrutura do poema em tudo o que sente e experimenta na vida; o objetivo do poema deve ser expressar o homem em toda a sua totalidade e na totalidade da sua existência; valorizar e proclamar o legado espiritual árabe, compreendendo e utilizando-o com críticas ou elogios, conforme for o necessário; usufruir igualmente do patrimônio espiritual europeu, sem menosprezá-lo, e compreendendo, modelando e interagindo com ele; usufruir das experiências poéticas de todo o mundo; e fundir se com a alma do povo.

A partir desses feitos literários passam a ser traduzidos para o árabe poetas de diversos países europeus e de diferentes períodos literários: Poe, Emerson, Whitman, Pound, Eliot, Baudelaire, Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, Apollinaire e outros tantos. Sobre a revista Chi'ir afirma El-Janabi (1999: 17):

Avec la revue Chi'ir, fondée en 1957 par Youssef al- Khal, le poème arabe moderne entre dans as phase décisive. Si l'on considere Chi'ir à la lumière de sés apports, on peut dire sans

aucune exagération que la poésie arabe d'aujourd'hui lui est redevable de la plupart de ses mutations. Elle est la première revue moderne à consacrer un large espace aux poètes étrangers. Elle invite ses lecteurs à appréhender enfin la modernité contemporaine des expériences poétiques occidentales. Elle recommande la lecture d'Apollinaire, Breton, Artaud, Saint John Perse, Reverdy, Eliot, Cummings, Bonnefoy, Char et bien d'autres.

Os poetas da revista *Chi'r* buscaram escrever poesia com uma língua que fosse viva: o mais próximo da língua falada e não da escrita. Com a influência destes poetas modernos ocidentais, eles também foram criando uma poesia que se entregasse às experiências poéticas modernas. O poema deveria expressar a vida e para tanto tinha que ter a linguagem e as imagens da vida; sendo que a própria vida deveria estruturar e dar a forma do poema. Esses poetas buscaram inovar vocábulos e “escrever com a língua falada” e, influenciados por uma geração de poetas árabes que lhes precederam, adotaram uma linguagem simples de uma transparência quase bíblica, como se fossem escrever poesia com a linguagem dos evangelhos. El-Janabi (1999: 12) cita essa geração anterior de poetas e afirma:

Cependant, l'apport le plus novateur vint sans doute des poètes d'al-Mahjar, à partir de leur exil new-yorkais. Ils évoluaient entre le registre de la modernité américaine et celui de la nostalgie bucolique et pastorale et sentirent la nécessité de varier les thèmes et de trouver de nouvelles orientations lyriques. Une veine romantique délia ainsi la langue arabe produisant une poésie simple dotée d'une transparence presque biblique. La prose de Gibran Khalil Gibran (1883-1931) marquée par “de nouvelles expressions et un nouvel usage des éléments de la langue”, et l'essai critique de Mikhaïl Nouaymé (1889-1988), Le

Tamis, ouvirent, avec d autres, lavoie à une nouvelle poétique.  
Celle-ci allait influencer une grande partie de la littérature.

Então com o advento da revista Chi'r foram consolidadas as bases da poesia árabe moderna e todos aqueles princípios de uma nova poética serão encontrados na poesia de Mahmud Darwich.

## CAPÍTULO III

### ***Bodas, um livro de muitos ritmos***

No livro *Bodas* podemos notar uma poesia de versos livres, linguagem simples e coloquial, busca de renovação das metáforas, poesia de linguagem viva, que busca imagens extraídas da própria vida, do cotidiano; ali também a linguagem é de uma transparência bíblica e evangelical. Mas sua poesia é de resistência e de exílio.

Nesse livro encontramos vários poemas longos, com trechos de poesia em prosa, como se tratasse da narração de uma epopeia, ao lado de outros trechos de contemplação lírica. Em “O poema da terra”, por exemplo, há trechos em prosa que parecem a apresentação poética e a narração de um drama, que se abrem depois a uma “encenação do drama” num lirismo contemplativo:

“No mês de março, no ano das Intifadas, a terra contou nos seus segredos sangrentos. No mês de março, cinco meninas passaram diante das violetas e do fuzil...”

E o poeta segue como quem narra uma história ou epopeia, num trecho longo que simula a apresentação do drama. Todavia, logo após entra em cena o lirismo:

Eu sou a terra  
E tu és a terra  
Khadija! Não ocultes a porta  
E nem adentres a ausência...

Nos outros poemas longos do livro acontece o mesmo: “Ahmad Azaatar” e “Ele era o que será”. Podemos notar uma criação poética já totalmente livre em sua métrica: os versos variam desde longas estrofes, de narrativa épica e prosa poética, até versos curtos e breves num ritmo mais rápido. A exemplo desta passagem do poema “Ele era o que será”:

Dentro da Quinta Avenida ele me saúda, chora e se apoia  
sobre o muro de vidro, e não há salgueiros em Nova York.  
Ele me faz chorar. E devolvo ao rio suas águas. Nós tomamos  
um café. Depois nos separamos em um segundo.

Esse início em narração poética segue-se destes versos:

Já faz vinte anos.  
Eu o conheço sempre com quarenta anos.  
Imenso como um canto litorâneo.  
E triste nos visitava como uma espada de vinho.

O poema assim segue de forma lírica, para depois intercalar com novos momentos de narração lírica em prosa. Porém, há também em *Bodas* os poemas curtos: “Bodas”, “Poema da areia”, “Poema do pão”, “Um canto ao verde”, “Tu carregará um saco de borboleta”, “O jardim adormecido” e “Horas e circunstâncias”. Nesses predominam os versos curtos, com exceção de “Tu carregará um saco de borboletas”, e isto possibilita aos poemas um ritmo mais rápido, como no primeiro poema do livro:

Já casou  
se casou com todas as moças,  
Mohammad.  
Satisfez sua primeira noite  
no leito de telhas de Haifa,  
Mohammad,

Mohammad, príncipe dentre os apaixonados,  
Mohammad.

Arbós Ayyuso (2006: 60) afirma o que no começo dos anos setenta o poeta Adonis nomearia como uma “nova escrita”:

Los rasgos que según Adonis definen esta nueva escritura: meditar sobre lo que se sabe y escribir acerca de lo que se conoce; el cambio necesario en la escritura ha de consistir en una mutación cualitativa y específica, que afecte a la noción tradicional de “gêneros” literários; ya no basta con imaginar un tiempo *poético* móvil, sino que hay que crear un tiempo *cultural* ambulante; la esencia del poema reside en su heterogeneidad y diferencia, no en su concordia y armonía; el acto de la producción poética tiene, en si mismo, mayor importância que el resultado producido; la cultura no es repetición y costumbre, sino creatividad e innovación; es imposible partir de cero, por lo que se ha de modificar el punto de partida: la escritura no es producto de los significados y las ideas, como se sostenía hasta ahora, sino que es la escritura misma la que alumbra los conceptos.

Para o Adonis da década de 1970, a nova escrita tem que ter uma mutação qualitativa e específica, e a essência do poema deve ter heterogeneidade e diferença, prezando sempre pela inovação e a criatividade. O fazer poético, por isso mesmo, deve ser mais importante que o seu resultado final, pois é esse fazer que cria os conceitos.

*Bodas*, livro publicado em 1977, surge fortemente influenciado por essas ideias. Nele, Darwich faz experiências poéticas múltiplas e se afirma como poeta inovador num momento em que o estavam reduzindo a apenas poeta de combate. Por este motivo busca mostrar sua modernidade, colocando-se como um poeta afinado às correntes estéticas de seu tempo, independentemente do

tema a que se voltam seus versos. Darwich, assim como os outros poetas palestinos, teve que se dedicar muito ao seu fazer poético para que sua poesia não ficasse subjugada à resistência e ao exílio apenas. Conforme Jayyusi: (1992: 52)

*On the artistic level, however, this near-total preoccupation with the theme of resistance was bound to present complications. One was the danger of poetry falling victim to mere repetition with respect to a subject matter (resistance, redemption, self-sacrifice, adulation of heroism, and noble endurance) that, by its very nature, had little scope for expansion and innovation—such a danger being particularly great in view of the unprecedented number of Palestinian poets now emerging all over the Arab world. As a reaction to this, poets instinctively concentrated on being original, if not in subject matter then in their use of metaphor and diction. No period of Arabic poetry had ever known such an impetuous diligence, such a craving to cull so many rarefied images in the same poem. Thousands of images were coined, chiseled out of the imaginations of scores of poets, Palestinian and others; no realm was left unexplored, as the whole of nature, the whole of history, the whole of life itself was summoned to help devise complex metaphors.*

Os poemas variam em ritmo e tamanho. O poeta busca esta mutação qualitativa e específica. Podemos notar o quanto, ao variar de ritmo e prosódia, o poeta valoriza ao extremo o fazer poético, deixando em segundo plano o resultado final. Aqui o poeta busca trabalhar ao máximo as formas poéticas, os



ritmos e métricas, sem estar preso aos preceitos da versificação clássica vigente ainda havia poucas décadas; variando até mesmo em poemas em prosa.

Adonis já havia na década de sessenta formulado sobre a liberdade poética que se devia buscar, e como afirma El Janabi, o primeiro poeta que produz argumento necessário à criação do poema árabe em prosa:

Pour lui “la poésie est irréductible à la prosodie... Les règles de la prosodie tuent la pulsion créatrice, l’entravent ou la freinent”. Seul le poème arabe en prose s’impose “comme suprême revolte dans le domaine de la forme poétique”. (EL JANABI, 1999: 19)

Todos esses fundamentos teóricos quanto à poética podemos notar em *Bodas*. É como se o livro tivesse “em muito” se inspirado e alcançado o ideal poético de Adonis. O livro é tão inovador em formas que em poemas como “Tu carregarás um saco de borboletas” e “O jardim adormecido”, não só há diálogos como a presença de um interlocutor, por meio do eu lírico, que pronuncia suas frases:

Tu dirás:

“- Não. Tu rasgarás as palavras e o rio lento. Tu amaldiçoarás o tempo infame enquanto te escondes nas sombras”.

- “Não, ao teatro linguístico!”

- “Não, aos limites deste sonho!”

- “Não, aos impossíveis!”

O poema “Tu carregarás um saco de borboletas” segue com parágrafos em prosa, como este:

Tu virás para as cidades e depois partirás. Darás às sombras os nomes dos vilarejos. Tu advertirás os pobres,

quanto à língua que ecoa os profetas. E tu partirás...  
partirás, e o poema partirá por trás do mar e do passado.  
Tu explicarás uma ideia quando vierem da eloquência e  
dos tambores os sentinelas do vazio, impotentes e  
decadentes.

No poema “O jardim adormecido”, os trechos líricos são intercalados por diálogos:

E Rita dorme... dorme e vela seus sonhos  
- Vamos nos casar?  
Sim.  
- Quando?  
Quando as violetas crescerem  
sobre as boinas dos soldados.

Darwich foi fortemente influenciado por toda esta revolução poética do mundo árabe, todavia podemos notar não apenas inovação estética, mas também uma revolução “metafórica”, conforme a expressão de Jayyussi (1992: 63):

*Darwich has benefited enormously from the metaphorical revolution of the sixties and seventies, the change probably being reflected more in his work than in that of any other poet. The urge to untrammelled inventiveness in the seventies spurred his fertile imagination to new-found freedom; there are moments, indeed, when he seems carried away, and, losing some of his control over the metaphorical representations in the poem, produces a careless image here and there. Such occurrences are, however, rare. Usually, his images are luminous and memorable [...]. Concrete, kinetic, olfactory, full*

*of the colors, the flavors, and the sounds of his country, Darwish's images can be dazzlingly strange or totally familiar, and in either case equally capable of transporting the reader into the space of the poem. His language pulses with life and warmth and intimacy, and, at times, with a special childlike tenderness.*

No livro *Bodas*, notamos todas essas características do autor. Vemos desde as imagens estranhas e luminosas até ao cinético, olfativo, colorido e os sabores do país. Aparecem muitas cores: das oliveiras, das florestas, do trigo, das plantas, a cor do mar, a cor do céu e até mesmo a cor do sangue, e o movimento acontece por rouxinóis, pombas, borboletas, águias em chamas e uma variedade de pássaros. E parece que podemos sentir o cheiro das plantas da Galileia, bem como o cheiro do Marmelo, dos eucaliptos e cravos e dos narcisos; podemos sentir o cheiro da pólvora e do café e o gosto do pão, do tomilho e do tomilho nativo, o zaatar. Podemos ouvir os relinchos do cavalo, o som dos tiros e dos bombardeios e o canto das mulheres no casamento, cujo tom se alterna da celebração ao luto. Enfim, o poeta nos convida por todos os sentidos e com todos os apelos a ir como que dançando pelo espaço do poema.

Essa poesia aborda os fatos históricos, mas também as coisas corriqueiras da vida, então o poeta usa muitas imagens da terra, que, como já dissemos, são simples e extraídas do cotidiano. É uma poesia que parece mesmo ter um tom evangélico, composta numa dicção coloquial com o fim de trazer ao poema a língua de todos os dias, bem como as imagens e histórias simples das parábolas. Conforme afirma Vannus:

La tierra, la naturaleza, los elementos como el agua, el aire, las plantas y los árboles son sagrados y participan en los poemas como elementos telúricos. Pero también lo cotidiano y simple, como el aroma del café, el color de una blusa o la miel de los higos acarician los sentidos del receptor del texto. De esta manera, Darwish crea y recrea un mundo amplio, un espacio donde el color y el sufrimiento a causa del alejamiento o la pérdida dejan de ser personales, locales o temporales y se transforman en universales y permanentes, alcanzando el tono épico.

No son solo la historia, las patrias y sus habitantes lo que constituye el foco de atención de Darwish sino también el hombre, el amigo que perdió la mujer, la amada que se marchó, forman objeto de su poesía. El poema amoroso está escrito en un lenguaje cotidiano a la vez que lírico y tan imaginativo que provoca una honda emoción. (*Ibid* Vannus)

“O jardim adormecido” é um bom exemplo do que se diz acima:

E Rita dorme... dorme e vela seus sonhos,  
na manhã colherá seus beijos  
e seus dias,  
e depois preparará para mim meu café árabe  
e seu café com leite.  
Ela me perguntará pela milésima vez sobre nosso amor  
e eu responderei:  
- Eu sou a testemunha destas mãos  
que prepararam para mim o café da manhã.

O mesmo acontece no poema “Bodas”, cuja força está no lirismo e na ternura com que a história dramática é contada:

E o apaixonado fecha seus olhos  
e entrega as mãos morenas ao henna  
e ao algodão sagrado de mulher.

E acima do teto do alegre vozerio,  
voejando sobrevoam aviões  
e aviões  
e aviões  
o arrancam do colo da borboleta  
e dos suaves mantos do luto.

E o poeta, como também já dissemos, utiliza toda a história, e toda a mitologia (podemos acrescentar), toda a vida e toda a natureza. Ele toma para imagens as plantas, as árvores, a terra, o mar, o ar, e os pássaros e insetos que voam. Quando o poeta toma para imagem telúrica das árvores, por exemplo, está a referir algo imóvel. Porém, quando usa águias, pombas e outros pássaros, e até mesmo borboletas, refere-se a animais e insetos que se movem e, com eles, talvez, esteja a referir a liberdade por vir. O tema é caro ao poeta, posto que é o exilado que resiste. Edward Said (2003: 46) diz acerca da realidade do exílio:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realidades do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.

Como exilado, Darwich fez poemas em que expressava e tentava superar essa sua mutilação. Como um amputado, do qual tiraram os membros

ao lhe tirarem sua terra, como no poema “Ele era o que será”: “Dá-me meus braços para que eu possa abraçar/ e meus ventos para que eu possa andar”.

Em “O poema da terra”, o poeta ainda fala dessa forma de mutilação, amputado do corpo e da própria identidade: “Devolvei-me minhas mãos/ Devolvei-me minha identidade!”. E mutilado, porque destituído de sua terra, o poeta toma seu corpo como sendo a sua terra:

Dou nome à terra: extensão de meu espírito.  
Dou nome às minhas mãos: amigas de feridas.  
Dou nome às pedras: asas.  
Dou nome aos pássaros: amêndoa e trigo.  
Dou nome às minhas costelas: árvores.

Aqui, Darwich tenta reconstruir em si mesmo a geografia perdida de sua terra; seu corpo passou a ser um corpo telúrico: corpo que se faz um com a terra: corpo que se faz terra: “Eu sou a terra/ E tu és a terra/ Khadija!”. Ou ainda:

Quando fecharam sobre mim a porta do meu coração  
e ergueram barricadas dentro de mim  
e instauraram o toque de recolher  
o meu coração se tornou um bairro  
e as minhas costelas habitações  
e apareceram cravos  
e apareceram cravos.

Cerco e barricadas, enfim, aparecem dentro do poeta, como se o seu interior fosse uma cidade sitiada e um país ocupado. No citado “Onze astros”, de 1992, é o coração do poeta que passa a ser sua pátria: “E o meu coração está carregado./ Deixe-o aqui ao redor da sua casa a bater e chorar o tempo bom./ Não tenho outra pátria além dele.” (Canto 9).

No poema “Um canto ao verde”, naquele nomeado corpo da morte, “no meu outro corpo há o país e as separações”. O corpo passa a ser mesmo o próprio país, que carrega em si todas as mutilações. Em *Bodas*, podemos notar essa amputação ser simbolizada de diversas formas, como no caso do apaixonado que volta da guerra, na noite de seu casamento, quando é desarraigado de sua alegria, desarraigado do corpo de sua esposa, em plena lua de mel, pela morte que lhe sobrevém de um bombardeio: “e aviões/ arrancam do colo da borboleta/ e dos suaves mantos do luto”.

Separado de sua terra natal e de seu lar, o poeta exilado estará sempre deslocado, esteja onde estiver, e seja em qual tempo for:

Os exilados olham para os não-exilados com ressentimento. Sentem que eles pertencem a seu meio, ao passo que um exilado está sempre deslocado. Como é nascer num lugar, ficar e viver ali, saber que se pertence a ele, mais ou menos para sempre? (SAID: 2003: 54)

Esse deslocamento é expresso em alguns versos do livro *Bodas*, como no poema “Ele era o que será”: “Este não é o meu tempo./ Não, esta não é a minha pátria./ Não, este não é o meu corpo.”. Nesses versos, o poeta se vê como um deslocado no tempo, na pátria e até mesmo no corpo. Deslocado de forma espacial, temporal e corpórea, o poeta enfim se vê exilado de si mesmo; estranho e estrangeiro ao próprio corpo. Amputado e deslocado do tempo interno de seu corpo, o poeta clama: “Eu quero o tempo original dos meus membros”. Sobre esse deslocamento ainda nos diz no poema “Ahmad Azaatar”: “Tróia não é minha casa/ e Massada não é meu tempo”. Também em “Onze astros”, de 1992, o poeta expressa esse desterro e o ser estranho estrangeiro com os seguintes versos:

Saírei em breve das rugas do meu tempo, como um estranho,  
rumo à Síria e ao Alandalus (...)  
Sou o Adão de dois paraísos, que perdi duas vezes.  
Expulsem-me, mas devagar,  
matem-me, mas devagar,  
debaixo da minha oliveira,  
com Lorca..." (Canto 3)

Nessa fabulação, o poeta seria o Adão de dois paraísos – a terra natal e a atual terra de sua moradia – um Adão fraturado entre dois mundos: o mundo das memórias, que já não pode mais ter, e o mundo da realidade vivida. O poeta se vê repartido entre dois mundos, pois a experiência do exílio o colocará em um outro lugar: o exílio é um “entre-lugar” é o estar repartido entre duas realidades e duas vidas diferentes, como se vivesse num interstício, num entrementes, num “entre-realidades”. Como ainda o demonstra em “Ahmad Azaatar”: “E Ahmad era exilado do mar, preso entre dois chumbos”, vivendo em país estranho enquanto permanece vivo na memória o seu país natal.

O poeta expressa aquela experiência “contrapontística” que Edward Said (2003: 59) mencionou ao referir aos exilados:

A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que - para tomar emprestada uma palavra da música - é contrapontística.

Para o exilado, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente ocorrem inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro ambiente. Assim, ambos os ambientes são vívidos, reais, ocorrem juntos como no contraponto.



Podemos notar essa experiência no seguinte trecho de “O poema da terra”:

Meu país está tão longe de mim.... quanto meu coração  
Meu país está tão perto de mim... quanto minha prisão  
E por que canto aqui, se minha face é outro lugar?  
E por que canto agora?

O poeta segue na busca fugidia de seu lar, de sua terra natal, do tempo que passou; mas segue como uma busca inalcançável, e como se sua face fosse estar sempre em outro lugar, sem nunca encontrar, tendo o que procura sempre além ou aquém de si. Como nos versos ainda do mesmo poema:

Parece que volto ao que passou  
Parece que caminho diante de mim mesmo  
Entre as calçadas e a satisfação  
faço voltar a minha harmonia

E nestes, ainda: “Nós nascemos lá e hoje já não podemos passar sob as sombras do Marmelo/ Como fugiste de meus caminhos, ó sombras do Marmelo?”

Sobre a busca pelo lar perdido, Said (2003: 58) afirma, referindo-se ao filósofo Adorno: “As reflexões de Adorno são animadas pela crença de que o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita”. E nos parece que Darwich tenta reconstruir o lar em seus poemas, como em quando se indaga em “Onze astros” (Canto 1):

há muitos espelhos, entrem, nós vamos sair de vez, e vamos depois procurar saber como era a nossa história frente à história de vocês na longínqua terra,  
vamos nos perguntar por fim: onde era o Alandalus?

aqui ou lá? nesta terra ou no poema?

O Alandalus aqui aparece como a pátria perdida do poeta, o lar perdido do qual ele não sabe se está aqui ou lá: no espaço físico da terra ou se no espaço concreto-espiritual do poema. E parece-nos que o poeta, ao ser exilado, fora exilado então para o espaço do poema, ou para a busca de seu lar dentro de sua escrita. Como no poema “Circunstâncias e situações”: “Deitei-me sobre um saco de nuvens/ e o peixe azul partiu meu peito/ exilou-me nas bandas da poesia”.

Por fim, podemos dizer que em seus poemas multitonais Darwich soube cantar em alegria e desespero, em agonia e êxtase, e soube resistir e combater o exílio, a dor da mutilação e até mesmo o opressor por meio de sua poesia:

*Palestinian society at home or in exile is basically a tragic one, and it is impossible for a literature mirroring the experience of a people in a Constant state of siege to avoid a tragic apprehension of experience, even if this is sometimes mixed with the comic or the ironic. Yet, as said above, a great dignity pervades this literature, a resistance to annihilation, to drowning in one's own blood; and Darwish (like many other Palestinian poets and writers of fiction and personal accounts) has been vociferous in asserting this dignity. His poetry mingles agony and ecstasy, pride and despair, heroic resistance and recognition of the dominating evil that foils heroism so that the victim lurks beneath the hero's garb (JAYYUSI, 1992: 61)*

Tendo por maior arma a poesia, o palestino Darwich combateu por meio de palavras e cadernos: “Eu sou o filho das palavras simples/ e o mártir dos cadernos” (“O poema da terra”). Mesmo sofrendo a violência brutal do exílio, soube manter-se digno e, por meio de sua poesia, dar dignidade a uma situação criada para tornar os homens indignos: “Esse e tantos outros poetas e

escritores exilados conferem dignidade a uma condição criada para negar a dignidade - e a identidade às pessoas”. (SAID, 2003: 48)

E voltamos a afirmar, que mesmo tendo feito poesia de todos os temas, inclusive exílio, resistência, poesia de combate, ele submeteu todos os temas à sua poesia, não submetendo sua poesia a tema algum: seu fazer poético sempre esteve acima de seu engajamento e de todos os temas. Portanto, Darwish por não submeter sua poesia à ideologia alguma, pode e soube ser poeta:

*The universal quality of Darwish's poetry (and prose) stems primarily from his abhorrence of ideology – a precondition, indeed, for all great poetry. At the center of his work is not the “ideology” of the Palestinian struggle, but its tragic necessity, the inevitable need to stand defiantly against the radical disorder that has assailed the lives of Palestinians everywhere.*  
(JAYYUSI, 1992: 62)

Tendo feito essas considerações sobre a poesia de Mahmud Darwish, apresentamos a seguir a primeira versão de nossa tradução ao português de seu livro *Bodas*.

## CAPÍTULO IV

### Tradução de *Bodas*

#### **Bodas**

No dia do casamento chega da guerra  
o apaixonado.

Veste a primeira veste

e entra

na pista de dança

galopante de entusiasmo e de cravos.

No cordão do vozerio de alegria reencontra Fátima,

é para eles que cantam

todas as árvores do exílio

e os suaves mantos do luto.

E o apaixonado fecha seus olhos

e entrega as mãos morenas ao henna

e ao algodão sagrado de mulher.

E acima do teto do alegre vozerio,

voejando sobrevoam aviões

e aviões

e aviões

o arrancam do colo da borboleta

e dos suaves mantos do luto.

E as moças cantam:

Já casou

se casou com todas as moças,

Mohammad.

Satisfez sua primeira noite

no leito de telhas de Haifa,

Mohammad.

Mohammad, príncipe dentre os apaixonados,

Mohammad.

Você se casou com as vinhas

e com os cercados de jasmim,

Mohammad.

Você se casou com as escadas,

Mohammad.

E você resiste,

Mohammad.

Você se casou com o país!

Mohammad!

Mohammad!

## Ele era o que será

Para Rachid Hussein

Dentro da Quinta Avenida ele me saúda, chora e se apoia sobre o muro de vidro, e não há salgueiros em Nova York.

Ele me faz chorar. E devolvo ao rio suas águas. Nós tomamos um café. Depois nos separamos em um segundo.

Já faz vinte anos.

Eu o conheço sempre com quarenta anos.

Imenso como um canto litorâneo.

E triste nos visitava como uma espada de vinho.

E passava como as conclusões de uma oração.

E declamava sua poesia no restaurante ((Cristo))

Toda Acre desperta de seu sono

e caminha sobre as águas.

Ele era uma semana da terra, e um dia para os conquistadores

e para minha mãe que agora diz: Ai de mim!

Às suas mãos rosas e grilhões. Somente a sua senhora-ferida o feriu atrás do muro. Os amantes chegam e marcam encontros.

Nós elevamos o litoral estendido. Inauguramos os cachos e nos misturamos ao grito do tomilho selvagem. E nós quebramos os cantos e nos quebramos nos olhos negros. Nós combatemos, fomos combatidos, e depois combatemos novamente.

Os cavaleiros chegaram e partiram.

E em qualquer vazio

veremos o silêncio do cantor tornar se azul até desaparecer.

Já faz vinte anos

e ele lança sua carne aos pássaros e aos peixes em toda sua volta

e para minha mãe que agora diz: Ai de mim!

Filho de camponeses da costela da Palestina

Filho do Sul

Desgraçado como um pardal

Forte

Voz alta

Pés grandes

E amplo de palmas das mãos. Pobre como uma borboleta

Moreno para cair na ruína (até o colapso)

E ombros largos

E vê mais longe do que as portas da prisão

E vê mais próximo do que a teoria da arte

E vê a nuvem no capacete do soldado

E nos vê, e vê o cartão de racionamento

E simples no café e nas palavras

E gosta de flauta e cerveja.

E empregou das palavras, somente as mais simples palavras

Ele era fácil como a água.

Simple... como a ceia dos pobres.

Ele era um campo de batatas e milho.

Ele não gostava da escola,  
mas amava a prosa e a poesia.

Desde que não fosse fácil a prosa  
e não fosse trigo a poesia.

Visitava a família aos sábados  
e descansava da marca divina  
e das interrogações policiais.

Publicou somente dois volumes de seus primeiros poemas  
e nos deu o restante.

Há dez anos seus passos foram vistos no aeroporto de Lod  
e eis que desapareceram.(os passos)

Ele era o que será,  
A espiga me envergonhou,  
Depois a andorinha me deu de presente  
aos olhos dos assassinos!

...pálido como o sol em Nova York:

De onde vem o coração? Haveria penas de pombo na selva de pedra?

Minha caixa de correio está vazia. E a alvorada não queima.

E a estrela não brilha nesta multidão.

Minha noite é estreita. E o corpo de meu amado é papel. Ninguém em volta de  
minha noite ((deseja ser o rio e a nuvem))... de onde vem o coração?

Quem recolherá o sonho que tomba perto da Ópera e do Banco?



Uma cascata de agulhas aniquilará os prazeres que carrego.

Agora já não sonho com nada.

Desejo desejar.

Agora já não sonho insaciável de harmonia.

Desejar

ou

chegar ao fim.

Não. Este não é o meu tempo.

Pálido como o sol em Nova York.

Dá-me meus braços para que eu possa abraçar

e meus ventos para que eu possa andar.

E de um café ao outro. Eu quero outra língua.

Eu quero a diferença entre o fogo e as memórias.

Eu quero o tempo original dos meus membros.

Dá-me meus braços para que eu possa abraçar

e meus ventos para que eu possa andar

e de um café a outro.

Por que a poesia fugiu do coração, quando Haifa se afastou? Por quê?

Haifa desaparece se eu a abraço?

Não. Este não é o meu tempo.

Eu quero o tempo original dos meus membros.

Dá-me meu braço para que eu possa abraçar

e meus ventos para que eu possa andar.

... desapareceu na Quinta Avenida ou no portão do Polo Norte.

E de seus olhos, só me lembro das cidades que vem e vão.

Desaparecendo, desaparecendo...

E nos reencontramos depois de um ano no aeroporto do Cairo

e passados trinta minutos, me disse:

((Quem me dera ser livre  
dentro das prisões de Nazaré!))

Ele dormiu uma semana. Despertou por dois dias. Não partiu com o Nilo para a terra fértil.

Do café, bebeu somente a cor.

Não viu egípcios no Egito.

Perguntou aos escritores somente sobre as lutas de classes  
pois foi convocado para a questão eterna, o exílio da pedra.

Eu disse: De qual profeta herege veio para ti este afastamento definitivo?

Chorou por causa da tristeza no meu olhar. Será que você mudou?

Sim, eu mudei. A minha vida não foi uma diversão.

Ele se inclinou sobre o Nilo e disse: O Nilo se esquece?

Eu disse: Ele não esquece como nós imaginamos.

Nós nos lembramos juntos do nosso ritmo que passou,  
das ondas da andorinha sobre a palma da mão que golpeia o muro,  
e da terra que nós carregamos dentro de nosso sangue como insetos.

Nós nos lembramos juntos do nosso ritmo que passou e da morte dos amigos,  
os quais se repartiram por nossos dias, e depois se dispersaram.

Eles não nos amaram como nós desejamos

Eles não nos amaram, mas nos conheceram...

Ele delirava quando estava lúcido: e estava lúcido quando chorava.

Caminhava como fabricante de tendas na distancia árabe

E a vida passou em vão

Eu já perdi o essencial

Ele desapareceu perto do leito no Nilo

E eu lhe preparei outra elegia e exéquias de palmeiras

Ó meu suicídio contínuo

Eu detenho a vida para que possamos começar de qualquer viagem

Arda como as plantas da Galiléia

e queime como um mártir !

Ó meu suicídio continuo

pare sobre o alto do sonho e combata

Por ti os sinos continuam a dobrar

Por ti os relógios continuam a tocar

E ele desapareceu outra vez

Os ramos me traíram

Ele era o que será,

A espiga me envergonhou,

Depois a andorinha me deu de presente

às espadas dos assassinos!

Dentro de seu caixão oficial, Nova York nos convidava pra dentro de seu caixão oficial

Dentro da Quinta Avenida ele me saúda, chora e se apoia sobre a fonte de cimento. E não há salgueiros em Nova York. Ele me faz chorar. Ele lança sombras sobre a casa. Nós nos escondemos dentro do eco. Será que entre nós só um está morto? Não. Você mudou um pouco? Não. Será que a viagem continua a ser viagem e o porto no coração?... Sim.

Ele está distante, distante, na sua ausência definitiva

Fumou o cálice...

E desapareceu

como uma gazela que desaparece

dentro dos prados que desaparecem dentro da neblina.

Lançou o cigarro dentro de meu fígado e descansou

sem olhar para o relógio.

Esta lua estática não o roubou debaixo do décimo andar de Manhattan.

Ele se cobriu com suas memórias... e o gemido do sino secreto o agasalhou.

Passaram entre as nossas mãos pássaros e pássaros e a morte familiar.

Este não é o meu tempo. Um outro inverno chegou.

As amazonas morreram num campo distante. O tempo não sai de mim, disse ele.

Eu e meu coração, nós trocamos as cidades que fluíram desde o princípio desta vida até o fim do sonho...

Continuaremos a passar para o exterior neste dia laranja e tocamos somente o interior secreto?

De onde você veio?

Um pássaro traspassou a lança

Eu disse: Ele descobriu meu coração

Continuaremos assim a passar para o interior neste dia laranja e tocamos  
somente as raízes do porto?

Ele delira fora da memória: Eu sou o carregador do fardo da terra, e o salvador  
destes perdidos. As moças calçam meu espírito e caminham. Os pássaros  
constroem seus ninhos dentro de minha voz.

Eles me fenderam

e depois voaram ao fim...

Coisa alguma mudou.

As canções fugiram de mim, fugiram de mim.

Este não é o meu tempo.

Não, esta não é a minha pátria.

Não, este não é o meu corpo.

Ele era o que será,

A espiga o envergonhou,

Depois a andorinha lhe deu de presente

aos ventos de seus assassinos!

## Ahmad Azaatar

Às mãos de pedra e de zatr

eu dedico este canto...

À Ahmad, o esquecido entre duas borboletas.

Passaram as nuvens e me desterraram

as montanhas tiraram seus mantos e me cobriram.

Descendente da abelha da ferida antiga

para os detalhes do país,

e o ano era separado entre o mar e as cidades cinzas

E eu estava só

Ainda só...

ó minha solidão!

E Ahmad era exilado do mar, preso entre dois chumbos.

Um acampamento que cresce, generoso em zatr e combatentes

Um braço que se fortalece no esquecimento

Uma memória chega dos trens que partem

e as calçadas são dianteiras e os jasmims dianteiros

Ahmad se descobre nas caravanas

ou na paisagem marinha,

na noite carcerária da travessia,

nas relações rápidas,

e na busca da verdade.

E em tudo Ahmad encontrava seu contrário

Ele questionava depois de vinte anos  
E peregrinava depois de vinte anos  
e depois de vinte anos sua mãe o coloca precisamente  
numa fileira de bananas e se retira.  
E ele busca sua identidade na direção do vulcão.  
Viajaram as nuvens e me desterraram,  
As montanhas tiraram seus mantos e me cobriram.

Eu sou Ahmad, o Árabe- disse-  
Eu sou as balas, as laranjas, as memórias  
Eu já encontrei minha alma perto de minha alma  
e já me afastei do orvalho e da paisagem marinha

Tell Azaatar, a tenda  
Eu sou o país, e já tu  
Te transformaste em mim?  
Eu sou a partida continua para o país  
E eu já encontrei minha alma plena de minha alma.

Ahmad encontra suas costas e suas mãos  
Ele era o passo – A estrela  
E do Atlântico ao Golfo e do Golfo ao Atlântico,  
Eles preparavam as lanças  
E Ahmad, o Árabe, subia comigo para ver Haifa e saltava.  
Agora Ahmad é seu refém  
O vilarejo abandonou suas ruas

E tu para ele

és a morte.

E do Atlântico ao Golfo e do Golfo ao Atlântico

eles preparavam os funerais

e a escolha da guilhotina.

Eu sou Ahmad, o Árabe, que venha o cerco!

O meu corpo é as muralhas – que venha o cerco!

Eu sou os limites do fogo – que venha o cerco!

Eu vos cercarei

e vos cercarei

E meu peito é a porta de todos os povos -que venha o cerco!

A minha canção não veio para desenhar Ahmad- O Azul Marinho – dentro  
dastrincheiras

As memórias ficaram para trás de meu dorso.

Ahmad é dia de sol e de lírio.

Ó tu, menino repartido entre duas janelas

que não trocaram minhas cartas,

Resiste!

As areias se parecem, e tu pareces com o azul

Eu volto minhas costas e foge de minhas mãos Barada

As margens do Nilo me abandonam bem longe.

Eu busco os limites dos meus dedos

e vejo todas as capitais como se fossem espumas...



e Ahmad debulha o tempo dentro da trincheira.  
A minha canção não veio para desenhar  
Ahmad queimado pelo azul  
Este é Ahmad Cósmico dentro desta lata estreita,  
o rasgado sonhador,  
ele é as balas laranjas... a violeta de chumbo  
ele é o desencadeamento definitivo do meio dia  
em um dia de liberdade

Ó tú, menino consagrado ao orvalho,

Resiste!

Ó tu, país-revolver no meu sangue,

Resiste!

Agora completo em ti minha canção

E vou no teu cerco

Agora completo em ti minhas questões

Eu nasci de teu pó.

Parte para meu coração e tu encontras meu povo.

Povos e povos na tua explosão.

Marchando por meus detalhes, eu me apoiei sobre a água

e me quebrei.

Sempre que se enchia o marmelo,

eu me esquecia dos limites de meu coração?

Será que me refugiei em teu cerco,

ó Ahmad -o Árabe-, para determinar minha estatura?

O amor não mentiu pra mim. Mas cada vez que vem a noite,  
um sino distante me absorve.

E me refugiei em minha hemorragia, para determinar minha imagem,  
ó Ahmad – o árabe.

Não lavei meu sangue do pão dos meus inimigos  
Mas, cada vez que meus pés passam por um caminho,  
então fogem os caminhos próximos e os distantes.

Cada vez que eu me torno irmão de uma capital,  
ela me lança com uma maleta.

Eu me refugio na calçada do sonho e da poesia.

Cada vez que caminho ao meu sonho, os punhais me precedem.

Ai, ai de meu sonho! Ai, ai de Roma!

Tu és belo dentro do exílio.

Tu és morto em Roma.

E Haifa começou lá.

Ahmad é a escada do Carmelo,  
e o começo do orvalho, do zatr nativo e dos acampamentos.

Não o roubeis da andorinha

Não o tomeis do orvalho

Os olhos escrevem suas próprias elegias

E meu coração é abandonado ao eco

Não o roubeis da eternidade

Não o espargis sobre a cruz  
Ele é o mapa e o corpo  
Ele é a combustão e o rouxinol

Não o tomeis das pombas  
Não o envieis para o dever  
Não desenheis uma medalha com seu sangue  
Pois ele é uma violeta dentro de uma granada

Eu ascendo à cicatrização do sonho  
e os detalhes insignificantes tomam a forma de uma pera  
O país se separa das bibliotecas  
E os cavalos se separam das malas  
O suor escorre sobre as pedras e eu beijo o silêncio deste sal  
Eu declaro o discurso do limão com o limão  
Eu acendo uma vela com minha ferida aberta para as flores  
e os peixes frescos  
As pedras são suor e miragem  
O coração de pomba é do lenhador  
Eu te esqueci algumas vezes, para que me esquecessem os homens da  
segurança  
Ó minha linda mulher, tu cortas o coração e a cebola fresca  
e caminhas para a violeta,  
lembra-te de mim antes que eu me esqueça de minhas mãos

Eu ascendo à cicatrização do sonho

Os assentos se encolhem debaixo de minhas árvores e de tuas sombras  
Os que escalam tuas feridas  
se escondem como as moscas sazonais  
E os espectadores se escondem em tuas feridas  
Lembra-te de mim antes que eu me esqueça de minhas mãos

E às borboletas dedico todo meu esforço  
E as pedras são a minha mensagem sobre a terra  
Troia não é minha casa  
E Massada não é meu tempo  
Eu ascendo na secura do pão e da água confiscada  
de um cavalo perdido a caminho do aeroporto  
Ascendo do ar marinho  
e dos estilhaços que vendem meu corpo  
Dos olhos que antecedem ao ocaso da planície eu ascendo  
Das caixas de vegetais eu ascendo  
E da força das coisas eu ascendo  
ao primeiro céu, pertencente a mim,  
e aos pobres que em todos os becos  
cantam:  
Nós resistiremos  
Nós resistiremos  
Nós resistiremos!  
O acampamento era o corpo de Ahmad  
Damasco era as pálpebras de Ahmad  
E Hijaz era a sombra de Ahmad

E o cerco tornou-se a passagem de Ahmad sobre os corações  
dos passos dos prisioneiros  
E o cerco tornou-se o ataque de Ahmad  
e o mar, seu último tiro!

Ó talhe de todos os ventos

Ó semana de açúcar

Tu és o nome dos olhos e o eco dos mármore!

Ó Ahmad, nascido da pedra e do zatr

Tu dirás: Não

Tu dirás: Não

Minha pele cobrirá qualquer camponês que venha dos campos de tabaco  
para eliminar as capitais

Tu dizes: Não

Meu corpo surge dos que chegam das indústrias rápidas  
e da indecisão...

e das epopéias,

para ir até a irrupção das jornadas

E tu dizes: Não

Minhas mãos vivem de flores e de bombas

Elevados como o dever cotidiano diante da jornada

Tu dizes: Não

Ó corpo ensanguentado pela montanha

E pelos sóis que estão por vir

Tu dizes: Não

Ó corpo que se casa com as ondas sobre a guilhotina

Tu dizes: Não

Tu dizes: Não

Tu dizes: Não!

Tu morres próximo de meu sangue e ressuscitas dentro da farinha

Nós visitaremos o teu silêncio, quando tuas mãos nos buscarem

E quando o covarde nos inflamar

E os cavalos marcharam sobre os pequenos pássaros

E nós criamos o jasmin

para que a face da morte desaparecesse de nossas palavras

Vai, distância-te dentro das nuvens e da lavoura

E não pelo tempo do exílio e minha canção

A angústia da morte nos arrastará: então, parte na angústia

para que sejamos atingidos pela pátria simples

e pela paciência do jasmim.

Vai pelo teu sangue preparado por tua expansão

Vai pelo meu sangue unificado dentro de teu cerco

e não pelo tempo do exílio...

E pelos belos retratos colocados sobre os muros das avenidas

E pelos funerais e os mortos

Os pássaros escrevem suas elegias e me desterram

Os campos tiram seus mantos e me ajuntam

Vai, distancia-te dentro de meu sangue! Vai, distancia-te dentro da farinha

para que sejamos atingidos pela pátria simples e pela paciência do jasmim

Ó Ahmad, o cotidiano!

Ó nome dos investigadores do orvalho e dos nomes simples

Ó nome da laranja

Ó Ahmad normal !

Como compreender esta distinção verbal entre as pedras e as pombas,  
entre o fuzil e a gazela!

Não pelo tempo do exílio e minha canção,

nós partiremos por dentro do cerco

até o fim das capitais.

Vai, aprofunda-te em meu sangue

Vai em seus brotos.

Vai, aprofunda-te em meu sangue

Vai em seus anéis

Vai, aprofunda-te em meu sangue

Vai em suas escadas.

ó Ahmad, o Árabe,... resiste!

Não pelo tempo do exílio e minha canção,

nós partiremos por dentro do cerco

até o rochedo do pão e das ondas

Aquela é minha superfície e a superfície da pátria – firme

Uma morte diante do sonho

ou um sonho que morre diante das armas

Vai, aprofunda-te em meu sangue

E vai, aprofunda-te na farinha

para que sejamos atingidos pela pátria simples e pela paciência do jasmin

Ele tem os contornos do outono

Ele tem o testamento da laranja

Ele tem os poemas em hemorragia

Ele tem as sinuosidades da montanha

Ele tem os aplausos

Ele tem as bodas

Ele tem as revistas coloridas

e as elegias serenas

e os cartazes murais,

a bandeira,

o progresso,

a separação dos cantos,

o decreto do luto,

E toda coisa toda coisa toda coisa

E quando ele revelar sua face aos que partem sobre os traços de sua face

Ó Ahmad desconhecido!

Como tu nos acalmaste por vinte anos e depois desapareceste nas sombras?

E tua face permaneceu obscura como o meio-dia?

Ó Ahmad, secreto como o fogo e as plantas

Mostrou-nos tua face popular

E comunicou-nos teu testamento derradeiro

Ó espectadores! Dispersai-vos em silêncio

Distanciai um pouco dele para que o encontreis em vós

Trigo e mãos nuas



Distanciai um pouco dele, para que ele comunique seu testamento  
aos mortos, se são mortos  
E para que lance os seus traços  
aos vivos, se são vivos!

Ahmad, meu irmão!

Tu és o adorador, o adorado e o lugar onde se adora!

Quando tu testemunharás

Quando tu testemunharás

Quando tu testemunharás?

## O poema da areia

Ele é a areia

Derramada de ideias e de mulher,  
para caminharmos com cautela até nossa morte.

No princípio as árvores altas eram mulheres

Havia água ascendente, havia língua.

A terra morre como o ser humano?

E o pássaro a carrega, em imagem, para o vazio?

Os começos sou eu.

Os finais sou eu.

E a areia é imagem e possibilidade.

E uma laranja finge esquecer o meu primeiro desejo.

Eu vejo no que vejo o esquecimento, que talvez devore as flores e o assombro,  
e a areia é a areia. Eu vejo um tempo de areia que nos cobre,  
e nos lança dos dias.

A minha idéia se perdeu e a minha mulher se perdeu

e a areia se perdeu na areia...

Os começos sou eu.

Os finais sou eu.

E a areia é o corpo da árvore que virá,

e as nuvens se parecem com os países.

O mar e o sono terão uma só cor.

E os amantes terão uma só face,

... e nós nos acostumaremos ao Corão na explicação que fluir,  
lançaremos mil rios ao fluxo das águas.

E o passado é passado, e ele trará nas eleições dos espelhos,  
o senhor dos dias.

E a palmeira é mãe da língua pura.

Eu vejo, no que vejo, o reino da areia sobre a areia

e os assassinados não sorrirão para as festas dos tambores.

E adeus... às distâncias

E adeus... aos espaços

E adeus aos cantores que trocaram as cítaras pelas leis  
para que pudessem se juntar à areia.

Alegria aos afligidos por minha visão,  
e alegria às torrentes!

Os começos sou eu.

Os finais sou eu.

E, como um pássaro estúpido,

caminho para o muro de minha execução,

e penso ser flechas as minhas costelas

e meu sangue uma canção feita de romãs. Eu caminho

e agora desapareço na tempestade de areia,

A areia virá arenosamente

e tu virás ao poeta no meio da noite,  
e não encontrarás a porta e nem o azul.  
A minha palavra se perdeu e minha mulher se perdeu...  
Virão... virão dois amantes  
e colherão o lírio fugidio de nossos dias  
E dirão diante do rio:  
“Como foi breve o tempo de areia.”  
e não se separarão nunca mais

Os começos sou eu.

Os finais sou eu.

## O poema do pão

(para Ibrahim Marzuk)

Era um dia escuro...

O sol saia preguiçoso para sua prática diária...

Uma cinza mineral preenchia o oriente...

E havia água nas veias das nuvens

e em todos os encanamentos das casas

sequidão.

Era um outono desesperançoso na vida de Beirute

e a morte se estendia do palácio

ao rádio, à prostituta e até ao sacolão.

O que acabou de lhe despertar,

às cinco em ponto?

Ibrahim era um pintor das águas

e um muro contra as guerras,

e se espreguiçava, quando a alva o despertava.

Mas Ibrahim tinha crianças feitas de lilás (violeta) e sol,

que buscavam pão e leite

Ibrahim era pintor e pai,

e estava vivo em galinhas, sul e cólera

e simples como cruz

Os espaços eram curtos  
Um assento no quarto. Nada... nada  
A pintura à água pátria  
e os detalhes eram seus. E minha face é um telegrama  
Vocês conseguem ler a água para entrarmos num acordo agora ?  
A brancura negra ocupou as distâncias  
Eu sou a rosa que não se move,  
os grilhões que virão da liberdade - anarquia  
ou impotência que tomará a forma da pátria - a polícia  
Era a pátria união (impressão) ou conflitos?  
Perdição ou salvação?  
Era um dia escuro...  
Minha própria face é um telegrama de trigo no campo de chumbo

O que acabou de lhe despertar,  
às cinco em ponto?

Você conhecia  
é a Beirute das diferenças  
é a Beirute dos incêndios

O que acabou de lhe despertar,  
às cinco em ponto?

Eles usurparam o pão e o humano  
desde às cinco.!..

Um dia o pão não terá  
este gosto, este sangue,  
este toque sussurrante,  
esta idéia cósmica,  
esta essência universal,  
esta voz, este tempo,  
esta cor, esta arte,  
este impulso humano. O mistério. Este feitiço.

Esta única emigração  
das cavernas primitivas até a guerra das facções,  
para a tragédia em Beirute,  
quem morria  
às cinco em ponto ?

Ibrahim se apoderava da última cor  
e se apoderava do segredo dos elementos.  
Ele era pintor e (vingador) rebelde,  
pintava  
uma pátria estreitada por pessoas, salgueiros, guerras,  
ondas do mar, trabalhadores, pátio e terra fértil,  
pintava

um corpo estreitado pela pátria moída (dilacerada, triturada),  
no milagre do pão  
e pintava  
o festival da terra e do humano,  
o nosso pão quentinho de manhã.  
A terra era pão  
o sol era gazela  
Ibrahim era o povo em pão  
Agora ele é o fim... o fim,  
às seis em ponto,  
o seu sangue em seu pão,  
o seu pão em seu sangue,  
agora  
às seis em ponto!...



## O poema da terra

1.

No mês de março, no ano das Intifadas, a terra contou-nos seus segredos sangrentos. No mês de março, cinco meninas passaram diante das violetas e do fuzil.

E elas se detiveram diante da porta da escola primária, e se incendiaram junto com as rosas e o zitr nativo. Assim, inauguraram o canto da terra. Elas entraram no último abraço. Março brota da terra, do íntimo da terra brota e da dança das jovens. E as violetas se inclinaram um pouco, para que a voz das meninas pudesse passar.

Os pássaros estenderam seus bicos na direção do canto e de meu coração.

Eu sou a terra

E tu és a terra

Khadija! Não ocultes a porta

E nem adentes a ausência

Nós os expulsaremos do vaso de flores e da corda dos varais

Nós os expulsaremos das pedras deste longo caminho

Nós os expulsaremos do espaço da palmeira.

No mês de março, cinco meninas passaram diante das violetas e do fuzil. E caíram diante da porta da escola primária: o giz sobre os dedos tem a cor dos pássaros. No mês de março, a terra contou-nos seus segredos sangrentos.

-1.1

Dou nome à terra: extensão de meu espírito  
Dou nome às minhas mãos: amigas de feridas  
Dou nome às pedras: asas  
Dou nome aos pássaros: amêndoa e trigo  
Dou nome às minhas costelas: árvores.  
E arranco da figueira do meu peito um ramo,  
e o arremesso como uma pedra  
e despedaço o tanque dos conquistadores.

2

No mês de março, antes dos trinta anos e das cinco guerras,  
Eu nasci em um montão de ervas brilhantes sobre túmulos.  
Meu pai estava sobre o domínio dos ingleses. Minha mãe cultivava suas  
tranças e meu crescimento sobre a grama. Eu amava as (( feridas do amado ))  
e as recolhia nos meus bolsos, mas elas murchavam perto do meio dia. As  
balas atravessaram a minha lua lilás, mas ela não se rompeu. Todavia, quando  
o tempo atravessa a minha lua lilás, então ela cai por descuido no meu  
coração...

No mês de março, nós nos estendemos dentro da terra  
No mês de março, a terra se estende dentro de nós  
um horário secreto  
e uma cerimônia simples.  
Nós descobrimos o mar sob as janelas  
e a lua lilás sobre o ciprés  
No mês de março, entramos na nossa primeira prisão  
e entramos no nosso primeiro amor,

E as memórias vertem sobre o vilarejo cercado  
Nós nascemos lá e hoje já não podemos passar sob as sombras do Marmelo  
Como fugiste de meus caminhos, ó sombras do Marmelo?  
No mês de março, entramos no nosso primeiro amor  
e entramos na nossa primeira prisão  
e as memórias alvorecem a noite de língua árabe.  
Um dia o Amor me disse: “Entre sozinho dentro do sonho e me perdi. E o  
sonho se perdeu em mim. Eu disse: Multiplica-te! Tu verás o rio fluir para ti.”  
No mês de março, a terra descobre seus rios.

## 2.1

Meu país está tão longe de mim... quanto meu coração  
Meu país está tão perto de mim... quanto minha prisão  
E por que canto aqui, se minha face é outro lugar?  
E por que canto agora?  
Para a criança que dorme sobre o açafreão e que tem na ponta de seu sono um  
punhal?  
E por que canto agora,  
quando a minha mãe me oferece seu peito  
e morre diante de mim  
com um perfume de âmbar?

## 3

No mês de março, os cavalos despertam,  
Ó terra, minha senhora!

E depois de mim, qual canto caminhará sobre teu ventre ondulado?

Qual canto criticará este orvalho e este incenso?

Parece que os templos pedem explicações ao Tempo, acerca dos profetas da Palestina em seu começo contínuo

Este é o esverdeamento do limite e o avermelhamento das pedras

Este é o meu canto

E esta é a saída do Cristo da ferida e do vento,

o qual torna-se verde como as plantas que cobrem seus cravos e meus grilhões.

Este é o meu canto

Esta é a assunção do jovem árabe ao sonho e à Jerusalém.

No mês de março, os cavalos despertam.

Ó terra, minha senhora!

Os cavalos estendem os cumes espirais como tapetes para rezas rápidas entre as lanças e entre meu sangue.

Os cavalos se voltam em semicírculo

como um arco

E minha face resplandece

E tua face resplandece Haifa em núpcias

E no mês de março, o mar desce sobre nossa terra retangular como um cavalo sobre a corda do sexo.

No mês de março, o sexo se agita nas árvores do litoral árabe.

As ondas retêm as ondas... as que são bravias...

as que se casam... ou as que se mancham com o algodão.

Eu te suplico- ó terra, minha senhora- habita-me e faze-me habitar o teu relincho.

Eu te suplico -ó terra, minha senhora- enterra-me junto com as pequenas  
jovens entre as violetas e o fuzil.

Eu te suplico -ó terra, minha senhora- fecunda-me a vida oscilante entre duas  
questões: Como? E onde?

Esta é a minha primavera inicial

Esta é a minha primavera final

No mês de março, a terra se casou com suas árvores.

### 3.1

Parece que volto ao que passou

Parece que caminho diante de mim mesmo

Entre as calçadas e a satisfação

Faço voltar a minha harmonia.

Eu sou o filho das palavras simples

e o mártir dos cadernos

Eu sou a flor da família de damasco.

Ó vós que colheis o extremo do absurdo (do impossível)

desde o principio até à Galiléia

devolvei me minhas mãos

devolvei me minha identidade!

### 4

No mês de março, as sombras trazem sedas, mas os conquistadores não  
trazem sombras.

Os pássaros chegam obscuros como a confissão das meninas

e claros como os campos

Os pássaros são a sombra dos campos sobre o coração e sobre as palavras.

Khadija!

Tuas filhas caminham para um novo amor?

“Caminharam para a colheita de algumas pedras”

Disse Khadija e impulsionou o orvalho por trás delas.

No mês de março, o solo caminha, como um sangue fresco, pelo meio-dia. Cinco meninas escondem um campo de trigo debaixo de suas tranças. E lêem o começo dos cantos das vinhas de Hebrom, e escrevem cinco cartas:

Vive meu país

desde o zero até a Galiléia

e elas sonham com Jerusalém depois das provas da primavera e da expulsão dos conquistadores.

Khadija! Não feches a porta atrás de ti

Não caminhes nas nuvens

Neste dia choverá

Neste dia choverá chumbo

Neste dia choverá!

E no mês de março, no ano das Intifadas, a terra contou-nos seus segredos sangrentos: cinco meninas, diante da porta da escola primária, irromperam contra as tropas de paraquedistas. E surge um verso de poesia verdejante... verdejante.

E diante da porta da escola primária, cinco meninas se romperam em espelhos e espelhos.

E as cinco meninas são os espelhos do país sobre o coração...

E no mês de março, a terra incendiou suas rosas.

Eu sou a testemunha da carnificina  
Eu sou o mártir dos cadernos  
Eu sou filho das palavras simples  
Eu vi as pedras se tornarem asas  
Eu vi o orvalho se tornar armas  
Quando fecharam sobre mim a porta do meu coração  
e ergueram barricadas dentro de mim  
e instauraram o toque de recolher  
O meu coração se tornou um bairro  
e as minhas costelas se tornaram habitações  
E apareceram os cravos  
E apareceram os cravos

5

No mês de março, há um perfume das plantas. Este é o casamento dos elementos.

“Março, o mais duro dos meses” e dentre eles, o mais sensual. E tal qual espada traspassará entre meu soluço e meu suspiro sem se quebrar! Este é o meu abraço agrícola no auge do amor. Esta é a minha partida para a vida.

Ó plantas, unam-se e participem da Intifada de meu corpo, na volta de meu sonho ao meu corpo.

A terra explodirá quando eu realizar este grito acorrentado à irrigação e à timidez do vilarejo.

No mês de março, chegamos ao aturdimiento das memórias, as plantas crescem sobre nós elevando-se à direção de todos os começos. Este é o crescimento do movimento. Eu dou o nome de movimento à minha subida para

o eucalipto. Antes dos trinta anos, eu vi uma jovem na beira do mar e disse: “Eu sou a onda”. Ela se afastou no movimento. Eu vi dois mártires que escutavam o mar : “Acre vem com as ondas. E Acre se vai pela tarde junto com as ondas”. E os dois mártires se afastaram no movimento.

E Khadija se inclinou sobre o orvalho e eu me queimei. Khadija! Não feches a porta!

Os povos entrarão neste livro e o Sol de Jericó se porá sem cerimônias.

Ó pátria dos profetas... completa-te!

Ó pátria dos semeadores... completa-te!

Ó pátria dos mártires... completa-te!

Ó pátria dos peregrinos... completa-te!

Todas as sendas dos montes são a extensão deste canto.

Todos os cantos a ti são a extensão da oliveira que me encobriu.

## 5.1

A noite é curta sobre o vilarejo abandonado

E os olhos sonolentos

Eu volto depois de trinta anos

e cinco guerras

E vejo que o Tempo

escondeu para mim uma espiga

E o cantor canta

acerca do fogo e dos estrangeiros

E a noite anoitecia

e o cantor cantava



E eles lhe perguntam:

Por que tu cantas?

E ele lhes responde:

Porque canto

.....

Eles buscaram o seu peito,

e encontraram não mais que seu coração

buscaram seu coração,

e encontraram não mais que seu povo

buscaram sua voz,

e encontraram não mais que sua tristeza

buscaram a sua tristeza,

e encontraram não mais que sua prisão

buscaram a sua prisão,

e encontraram não mais que eles mesmos nos grilhões.

Atrás das colinas

o cantor dorme solitário

e no mês de março

surgem dele, as sombras que se elevam

6

Eu sou a esperança fácil e espaçosa- disse-me a terra .

A grama é igual à saudação no momento da aurora.

Esta é a espera da partida para a vida depois de Khadija.

Eles não me plantaram para que me colhessem.

O ar da Galiléia tenta falar de mim, mas desfalece perto de Khadija

A gazela da Galiléia tenta demolir hoje a minha prisão, ela vigia a sombra de Khadija, a qual se inclina sobre seu fogo.

Ó Khadija! Eu vi... e cri na minha visão. Ela me toma em seu extremo e me toma dentro de sua paixão. Eu sou o amante eterno- o prisioneiro evidente. As laranjas tomam o meu esverdeamento e surge a preocupação com Jaffa

Eu sou a terra desde que conheci Khadija

Eles não me conheceram para que me matem

A força das plantas da Galiléia cresce entre os dedos de minhas mãos  
e desenha este lugar repartido

entre o meu zelo e o amor de Khadija

Esta é a espera da nova partida para a vida depois do mês de março,  
junto ao momento em que o ar emigra da terra

Este solo é o meu solo

E estas nuvens são as minhas nuvens

E este é o fronte de Khadija

Eu sou o amante eterno- o prisioneiro evidente

E o cheiro da terra me desperta de manhã cedo

E os meus grilhões de ferro a despertam cedo da tarde

Esta é a espera da nova partida para a vida,

os que partem para a vida não questionam acerca da própria vida,

questionam acerca da terra: Será que a terra, minha criança, se levantou?

Se te conheceram, por que te sacrificam?

Se te encarceraram com os nossos sonhos, por que te baixaste até às nossas feridas no inverno?

Se te conheceram, por que te sacrificam?

Se te encarceraram com os seus sonhos, por que te elevaste até o nosso sonho na primavera?

Eu sou a terra....

Ó vós que partis para o grão de trigo em seu berço,

lavrai meu corpo!

Ó vós que partis para a montanha de fogo,

passai sobre meu corpo

Ó vós que partis para a rocha de Jerusalém,

passai sobre meu corpo

Ó vós que passais sobre meu corpo,

vós não passareis

Eu sou a terra dentro de um corpo,

vós não passareis

Eu sou a terra em seu despertar,

vós não passareis

Eu sou a terra. Ó vós que passais sobre a terra em seu despertar,

Vós não passareis

Vós não passareis

Vós não passareis!

## **Um canto ao verde**

Tu és o verde. As oliveiras não se comparam a ti, e nem as sombras chegam perto de ti. E a terra não se estende pelas bandeiras de tua manhã.

Tu és único no desaparecimento da cor,  
e te estendes do desespero ao desespero,  
de forma única e estranha como a esperança asiática  
Tu és o verde, desde tua primeira mãe que te deu o nome  
até as mais novas armas

Ó verde, tu és o verde ascendente do combate das cores  
e as florestas são plumas em tuas asas.

O teu tempo é o trigo comunitário, as bodas de sangue.

Tu és o verde, como o primeiro grito da criança que chegou ao mundo  
pela porta das traições,  
e como o primeiro divórcio do soldado  
que viu o palácio real de inverno.

Nós te esperamos nas flores de narciso  
como sinos e assassinados

Nós te criamos, para que tu nos cries  
luz e sombras.

Tu és o verde. As oliveiras não se comparam a ti, e nem as sombras chegam perto de ti.

A terra não se estende pelas bandeiras de tua manhã.

E meu canto por ti, chega sempre mais negro de tanto que morro próximo às  
chamas de tuas feridas.

Ó verde, que tu renoves minha morte e minha explosão,  
e na minha garganta dez mil assassinados pedem água  
Ó verde renove minha voz e minha propagação!  
E na minha garganta, uma mão sacode a palmeira  
por um jovem profeta que chega como profeta:  
que se oferece em sacrifício.  
Ó verde renove minha voz!  
E na minha garganta há o mapa do sonho e os nomes do Cristo que vive!  
Ó verde renove minha morte! E no meu outro corpo há o país e as separações  
Ó verde, no domínio desta escuridão!  
Ó verde, na busca dos véus pelo Nilo e pelo dote da noiva!  
Ó verde verde, em todos os jardins que o sultão incendiou,  
o verde está em todas as cinzas.  
Eu não te nomearei transferência simbólica do sonho ao dia  
Eu te nomearei “pássaro-sangue” neste tempo  
Eu te nomearei “renascimento das espigas”  
Ó tu que voas do meu corpo à maturidade completa,  
Num espaço claro como o pão...  
Ó verde! O mar não se aproxima muito de minha pergunta  
Ó verde  
O mar não se distancia muito de minha pergunta  
E eu lembro,  
ou não lembro o primeiro acidente,  
mas eu vejo o ritual de minha morte  
e eu retorno de cada assassinato  
e absurdamente no corpo.

Ó verde, que tu continues a ser a cor do fogo e da terra e a vida dos mártires  
e para que tentes, ó verde,  
chegar do desespero ao desespero,  
solitário e desesperado  
como os profetas.

Ó verde, faze continuar a tua cor  
Ó verde, faze continuar a minha cor  
tu és o verde. O verde não se igualará ao verde,  
as oliveiras não se comparam a nós,  
as sombras não chegam perto de nós,  
e a terra não se estende por minha face  
em tua manhã!

## **Tu carregará um saco de borboletas**

Tu dirás:

“-Não. Tu rasgarás as palavras e o rio lento. Tu amaldiçoarás o tempo infame enquanto te escondes nas sombras”.

“-Não, ao teatro linguístico!”

“-Não, aos limites deste sonho!”

“-Não, aos impossíveis!”

Tu virás para as cidades e depois partirás. Darás às sombras os nomes dos vilarejos. Tu advertirás os pobres, quanto à língua que ecoa e os profetas. E tu partirás... partirás, e o poema partirá por trás do mar e do passado. Tu explicarás uma idéia

quando vierem da eloquência e dos tambores os sentinelas do vazio, impotentes e decadentes.

Por teu canto, o céu da água se rompeu. Um lenhador e uma amante, e a manhã se abre sobre o lugar. As palavras se unem ao esquecimento, que se casa com mil carnificinas. E a morte vem branca. Chove abundantemente. O revólver e o assassinado são evidentes.

Os mártires virão a ti, da muralha de tuas últimas palavras. Eles se assentam sobre ti como coroa de sangue, e seguem a plantar maçãs fora de tuas memórias. Tu te cansarás... tu te cansarás, tu os expulsarás, mas eles não passarão. Tu os aspirarás, mas eles não passarão, eles ocuparão este tempo. Tu fugirás da felicidade deles para um tempo que caminhe sobre avenidas e estações dos anos.

Os pobres vêm a ti, mas tu não tens pão e nem prece que salve o trigo ameaçado pela seca. Tu dizes algo sobre a cólera que deu em casamento as espigas às espadas. Tu dizes algo sobre o rio escondido nas bolsas das mulheres vindas de outono. Então eles riem e partem, e abandonam a porta aberta para as perguntas dos campos.

Por teu canto, os olhos das mulheres apaixonadas se dilataram. Sim, tu chamas de país o ramo de trigo, e o azul do mar também chamas de país. Sim, tu chamas a terra, de senhora do esquecimento. Depois tu dormes e estás só, entre o cheiro das sombras e o teu coração perdido no longo caminho.

E uma aluna te dirá: Qual é a utilidade do poema? Um poeta consegue extrair flores e pólvora de duas letras. Nas duas guerras, os trabalhadores estão pulverizados sob flores e pólvora.

E qual é a utilidade do poema ao meio dia ou nas sombras? Tu dirás alguma coisa eerrarás:

a palmeira se aproxima de meu esforço e depois a palmeira te quebra.

Por teu canto, estenderam se as distancias do branco e a prudência do carrasco. Tu chegas sempre, como suicídio, pois eles buscam a aspereza em forma de tecidos. Tu chegas sempre, como explosão, pois eles buscam as rosas como mapa. Tu chegarás, quando partires, depois chegas quando partes, e por fim a chegada torna se distante.

Tu serás uma águia das chamas, e o país é teu espaço negro.

E tu perguntas: (( Eu te causei algum mal, ó meu povo? )) Verte se o sangue sobre as asas da águia. A asa se queima sobre o vapor da terra. Tu sobes, desces, então sobes e depois entras nas torrentes.



E festejando, tu passas por todos os começos: “Eu te causei algum mal, ó meu tempo?” Tu cantas o verde estendido entre as mãos e as terras firmes. Tu adentras a rosa e gritas :

“ O que é esta angústia? ” Tu vês o sangue e então gritas: “ Quem matou o guia? ”.

E tu morrerás só. Os mares te abandonarão sobre suas margens: solitário como a pedra. Fugirão de ti, as bibliotecas, as senhoras, as canções, as avenidas das cidades, os trens e os aeroportos. O país fugirá de tuas mãos que criaram o país para os arrulhos (gorjeios) das pombas.

E tu morrerás só. Os vulcões te abandonarão, os quais antes obedeciam ao teu relincho sangrento. Os impulsos sanguíneos de meu corpo te abandonarão. A alegria te lançará aos peixes. O questionar e o interagir te abandonarão entre o canto e o carcereiro: o relincho te abandonará.

Depois de ti, eles sepultarão o perfume e darão à rosa os teus grilhões. Depois de ti, eles condenarão o orvalho abandonado à morte. Depois de ti, eles farão o fogo arder nas palavras. Depois eles roubarão a água da grama de tua pele. Eles te expulsarão dos véus da Galiléia.

E tu dizes:

“-Não, ao teatro linguístico!”

“-Não, aos limites deste sonho!”

“-Não, aos impossíveis!”

## **O jardim adormecido**

Escondi minhas mãos quando o sono a abraçou,  
cobri seus sonhos,  
olhei para o mel que desaparecia sob suas pálpebras,  
rezei por suas pernas milagrosas,  
e me curvei sobre sua pulsação contínua,  
Vi os trigos crescerem sobre o mármore e a sonolência,  
Chorei uma gota de meu sangue  
e então tremi...  
O jardim dorme em minha cama.

Eu fui até a porta,  
E não me voltei à via de meu espírito,  
o qual já estava ligado ao sono dela.

Ouvi os velhos sons de seus passos e os sinos de meu coração à ressoar  
e fui até a porta.

- As chaves estavam dentro de sua mala  
e ela dormia como um anjo saciado de amor.

Noite sobre chuva no caminho e nenhum som chega,  
a não ser, sua pulsação e a chuva.

Eu fui até a porta,

A porta se abre,

E eu saio.

A porta se fecha,

Saem a minha sombra e os meus reflexos.

Por que digo adeus?

A partir daqui, tornei-me estrangeiro às minhas memórias e à minha própria casa.

Desci as escadas,

nenhum som chega,

a não ser, sua pulsação e a chuva.

E meus passos estão sobre a escada que desce

de suas mãos ao desejo em viagem.

E rezei pela árvore

Aqui ela me recebeu

Aqui os raios de prata e de cravos me golpearam.

Aqui começava seu mundo,

Aqui acabava seu mundo.

Eu me detive por meus segundos

De lírio e de inverno,

caminhei,

fiquei indeciso,

depois caminhei de novo,

colhi meus passos e minhas salgadas memórias

e caminhei comigo mesmo.

Nem adeus e nem árvore

Adormeceram os desejos atrás das janelas,

Adormeceram todos os afetos,

Adormeceram todas as traições atrás das janelas,

Adormeceram os homens investigadores também...

E Rita dorme... dorme e vela seus sonhos,

na manhã colherá seus beijos

e seus dias,

E depois preparará para mim meu café árabe

e seu café com leite.

Ela me perguntará pela milésima vez sobre nosso amor

e eu responderei:

- Eu sou a testemunha destas mãos

que prepararam para mim café na manhã.

E Rita dorme... dorme e vela seus sonhos

- Vamos nos casar?

Sim.

- Quando?

Quando as violetas crescerem

sobre as boinas dos soldados.

Eu passei por ruas, edifício de correio,

cafeterias das calçadas, clubes de canto,

e postos de vendas de bilhetes.

Eu te amo, Rita. Eu te amo. Dorme e eu emigro.

Sem motivos, como os pássaros violentos,  
eu emigro.

Sem motivos, como os ventos frágeis,  
eu emigro.

Eu te amo, Rita. Eu te amo. Dorme.

E eu perguntarei, depois de treze invernos,  
eu perguntarei:

- Será que tu ainda dormes  
ou já despertaste do sono?....

Rita! Eu te amo, Rita.

Eu te amo...

## **Circunstâncias e estações**

### **1- Assim disse a árvore despreocupada**

Fora do clima,  
ou dentro da densa floresta:  
minha pátria.

Percebem os pássaros  
que deles sou  
pátria ou viagem?

Apenas espero...

No outono dos galhos curtos  
ou na primavera de raízes longas:  
meu tempo.

Percebe a gazela  
que dela sou  
corpo... ou fruto?

Apenas espero...

Na tarde que passeia entre os olhos

azul, verde ou ouro:

meu corpo.

Percebem os enamorados

que deles sou

varanda... ou lua?

Apenas espero....

Na seca que corta os ventos

sabem os pobres

que sou

suor dos ventos?

Sentem que deles sou

nuvem... ou chuva?

Apenas espero...

Fora do clima,

ou dentro da densa floresta

Quem eu amava, me abandonava

porém

não vou dizer adeus

aos meus ramos perdidos

na multidão das árvores

Apenas espero...

## **2- Trem da uma hora**

Homem e mulher se separam

Arrancam as rosas de seus corações,

e se quebram.

A sombra brota da sombra

Tornam se três:

um homem

uma mulher

e o tempo....

O trem não vem,

então eles voltam ao café

e dizem outras palavras

harmonizam se

amando o sol que nasce

das cordas de um violão

sem se separar....



Virei me e circulei no limite das praças do meu coração

Chamaram me becos e companheiros que entram no túnel e no esquecimento  
em Madrid.

Da mulher apenas esqueço seu rosto ou minha alegria...

Se esqueço, te esqueço infinitamente

Se nos atrasássemos um pouco

para o trem da uma hora

se sentássemos uma hora no restaurante japonês

Se passassem os pássaros que retornam

se lêssemos jornais da noite

mas somos apenas

homem e mulher que se encontram...

### **3- Por mais uma tarde**

Todo pêssego da terra

cresce num corpo

ela é palavra

é desejo ardente

A sombra recai sobre ela

Ninguém

mais ninguém....

Ela canta só

no caminho das carroças distraídas (despreocupadas)

Tudo que ela tem

é um apelido para a espiga

e canta só

Os lagos são muitos

e ela é o rio solitário

minha história foi breve

e ela é o rio solitário

vou vê-la no inverno

quando me matar

vai chorar

rir

quando me matar

vou vê-la no inverno

Eu recordo

ou não

a vida que se fez vapor

nas estações de trem

e no seu passo.

Algo parecia amor

ar que se fragmenta

entre dois rostos estranhos

uma onda que se petrificava

entre dois peitos próximos

não a recordo

ela canta só

por mais uma tarde, esta tarde

chamo suas rosas

a terra se converte em nada

quando chora só

minhas palavras são palavras

as janelas têm céu

os pássaros espaço

o passo caminho e o rio foz

eu sou das memórias

minhas palavras são palavras

e ela é a primeira e eu o primeiro

Éramos e não éramos

Veio o inverno

sem me matar...

sem chorar nem rir

palavras

palavras

#### **4 Domingo azul**

A mulher sentada sobre minha canção

tece o algodão

versa o chá

e a janela fica aberta aos dias

o mar distante...

veste se de azul no Domingo

diverte-se com as revistas e os costumes dos povos

lê poesia romântica

estica-se na cadeira

e a janela fica aberta aos dias

o mar distante...

ouve o som que não espera

abre a porta

enxerga o rastro de um homem viajante

fecha a porta

vê a sua foto. Pergunta:

devo esperar?

Coloca Mozart

Repousa junto à terra celestial

a janela fica aberta aos dias

o mar distante

...enfim nos encontramos,

servir o mar em prato de cerâmica

desapareceu minha canção

você, não minha canção

e o coração fica aberto aos dias

o mar feliz....

## **5- Uma só circunstância para muitos mares**

Encontramo-nos antes deste tempo, neste lugar

e lançamos uma pedra na água

passou o peixe azul

retornaram duas ondas e nós éramos ondas

minha mão balançava em meio ao perfume do outono

caminharás pouco

e lançarás minha mão ao carvalho  
eu disse: não te pareces com a onda  
e nem com minha vida  
deitei-me sobre um saco de nuvens  
e o peixe azul partiu meu peito  
exilou-me nas bandas da poesia  
e a morte me chamou  
que eu morra agora entre água e fogo  
e ela não me enxergava  
seus olhos dormiam profundamente.....  
lançarei meu suor à relva  
não esquecerei minha partida dentro de suas células  
não esquecerei os segundos  
a ti darei uma impressão carinhosa  
não disse nada (ela)  
me lançarás aos peixes e aos espinhos  
seus olhos dormem profundamente....  
precedeu-nos nosso sonho vindouro  
andaremos em direção à areia  
como dois pescadores derrotados  
minha senhora!  
Podemos agora lançar nossos corpos ao gato?  
Minha senhora! Somos amigos

O peixe azul dormiu na onda  
Ela nos deu as canções

Seu segredo,  
A noite clareou  
Eu assisto o este segredo antes  
Eu não desejo retornar  
Não desejo retornar  
Só peço de teu coração  
Dois palpitaes

Como o sonho ainda é sonho  
Como  
o sonho  
ainda é  
sonho  
antigo, dois olhares me afugentaram  
e nós nos encontramos antes deste dia, neste lugar

## **6- O último relincho**

Derramo a canção sobre seu joelho  
Assim como se suicida  
o rio no colo dela  
Estas são todas as minhas células  
E este é o meu mel.  
Dorme o desejo  
Há nos caminhos estreitos

campo deserto  
água doente  
rosa queimada  
meu sonho era simples  
claro feito o lírio  
para dizer a canção  
Onde estás agora?  
De qual montanha  
recolhe a lua de prata  
de qual espera?  
Domine o amor (meu senhor é o amor)  
Nossos passos se afastaram  
Do começo da montanha  
Então conhecemos os vales

Chego antes da morte ao meu coração  
por pouco  
pois tu serás a viagem  
e serás o ar  
onde estás agora  
de qual chuva  
recuperas o céu?  
Eu sigo para o campo segregado



Estas são todas minhas células

Minhas guerras

Minhas estradas

Este é meu maior apetite

E este é meu mel

Esta é minha primeira canção

Canto sempre

Uma primeira canção

Mas não direi qual é

a canção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBÓS AYUSO, F. Tres calas en la producción poética de Adonis. *In: Anaquel de Estudios Árabes*, 2006, vol.17.

ADONIS. *Poemas*. Org. e Trad. Michel Sleiman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARBOZA. G. L. *A busca por uma poética do exílio*. Acessado em 4/07/2014. <http://www.herramienta.com.ar/coloquios-y-seminarios/busca-por-uma-poetica-do-exilio>.

DARWICH. M. *Al'a'mal al'ulà*. Beirute: Riad El-Rayyes, 2009.

DARWICH, M. *Rien qu'une autre année : Anthologie poétique 1966-1982*. Paris : Les edition de minuit, 1982.

DHILON, B. "Subaltern Voices and Perspectives: the poetry of Mahmoud Darwich". Em *Illumine*, vol. 9, n. 1, 2010.

EL JANABI, A. K. *Le poème arabe moderne*. Paris: Maisonneuve & Larose, 1999.

FARAH, P. “A poesia como redenção na obra de Darwich”. In: *Revista Litteris*, n. 7, 2011.

JAYYUSI, S.K. *Anthology of Modern Palestinian Literature*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1992. P.52.

JUBRAN, S.; SLEIMAN, M. Tradução do poema “Onze astros incidindo na última cena andalusina”. Mahmoud Darwich. In: *Zunái – Revista de Poesia e Debates*, 2013. Em [http://www.revistazunai.com/editorial/23ed\\_mahmouddarwish.htm](http://www.revistazunai.com/editorial/23ed_mahmouddarwish.htm) acessado 4/07/2014.

SAID. E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VANNUS, I. H. Resenha da tradução espanhola de “Once Astros”, de Mahmud Darwich. Em [http://www.poesiaarabe.com/libro\\_11\\_astros.htm](http://www.poesiaarabe.com/libro_11_astros.htm), acessado em 4/07/2014.

# ANEXO

**Texto árabe de *bodas***